

Este livro é uma raridade.
Foi impresso no ano de 1876.
É uma opereta do grande Arthur Aze-
redo.

Apollonia Pinto, a divina intérpre-
te de todas as paixões humanas, tinha,
êsse ano, 22 anos de idade, quando
representou êste trabalho, criando o
personagem Beatriz. E cantava. E co-
mo cantava.

Representou dêsse a revista até a
tragédia, com sucesso.

Foi a maior atriz do Brasil, em to-
dos os tempos.

Ofereço êste livro à nossa gloriosa
Biblioteca Pública Benedicto Leite, de
São Luis.

Será gentileza acusar o recebimento
desta obra. Obrigado.

(Guimarães Martins)

Maestro Francisco Braga nº 380,
Departamento 202, Copacabana, Rio de
Janeiro, GB, 20.000. ZC-07.

31055
31058

A CASADINHA DE FRESCO

OPERA COMICA EM TRES ACTOS

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no theatro
Phenix Dramatica, em 19 de Agosto de 1876, e em
S. Paulo, no theatro de S. José, em 5 de Outubro
do mesmo anno.

0244
362.42
A994
C.F.

ARTHUR AZEVEDO

A CASADINHA DE FRESCO

IMITAÇÃO DA OPERA-COMICA

LA PETITE MARIÉE

DE

EUGENIO LATERRIER E ALBERTO VANLOO

MUSICA DE

CARLOS LECOCQ



RIO DE JANEIRO

Typographia—ACADEMICA—rua Sete de Setembro n. 73

1876

Os direitos de representação e reimpressão reservados.

PERSONAGENS

O capitão general	Sr. Villa-Real.
Manoel de Souza	» <u>Vasques.</u>
O morador de S. Gabriel.	» <u>Guilherme de Aguiar.</u>
Theobaldo.	» Silva.
Bento.	» André.
Um mudo.	» Pertuis.
Um alfaiate.	» Leal.
Um viajante.	» Pedro.
Outro.	» Dias.
Um soldado.	» Machado.
Outro	» Vicente.
Carlos	Mlle. Delmary.
Gabriella.	» Villiot.
Gertrudes	D. Izabel.
Beatriz	} » <u>Apollonia.</u> » Mathilde.
Uma costureira	
Viajantes, Peões, Camaradas, Estancieiros, Officiaes de lanceiros. Soldados, Criados, Povo, etc.	

A scena passa-se, o primeiro acto em Viamão, e o segundo em Porto-Alegre, provincia do Rio Grande do Sul. Tempos coloniaes.

A CASADINHA DE FRESCO

ACTO PRIMEIRO

Pateo de uma estalagem. Portão ao fundo. Portas aos lados.

SCENA PRIMEIRA

BENTO, BEATRIZ, VIAJANTES, ESTANCIEIROS, CAMARADAS,
depois PEÕES.

(Os viajantes comem e bebem, sentados defronte de pequenas me-
zas. Bento e Beatriz andam azafamados de um lado para outro,
servindo-os.)

INTRODUÇÃO

Côro

Mais presteza !
Ligeireza !
E' petiscar e partir !
A carreta com certeza
sem demora vae sahir.

Um estancieiro

Olá, senhor !

Outro

Olá, senhora !

Outro

E' despachar !

Bento

Não val zangar :
inda tendes muita demora.

Beatriz

Podeis com vagar
mastigar.

Bento (a um viajante)

Provae desta botelha.

Beatriz (a outro)

Que bello pastelão !

Bento (a outro)

Eis uma pinga velha !

Beatriz (a outro)

Não quer que o sirva, não ?

Côro

Mais presteza ! etc.

(Ouve-se o rodar de um carro, e o barulho dos guisos dos animais)

Um viajante

Atenção, rapaziada !
Os guisos ouvi !

Côro

Os guisos ouvi
da tal carreta abençoada.

(Entrada ruidosa de oito peões)

Côro de peões

Hop ! Hop ! Hop !
Bonitos peões,
lampeiros, ligeiros,
ligeiros, lampeiros...
Hop ! Hop ! Hop !
vos dizem : Patrões,
é já seguir
sem tugar
nem mugir.
Eis os peões
ligeiros, lampeiros !

(Apromptam-se todos para seguir viagem.)

Bento

Escutae ! Um costumezinho,
ao qual convem vos conformar,
a Beatriz, neste instantinho,
vai, a cantar, vos explicar...

Coro

Pois venha lá mais essa !

Bento

Beatriz, escarra e começa.

Beatriz

CANÇÃO

I

Ha muito já, fregueses meus,
abrio-se a nossa hospedaria;
tem sido um — louvar a Deus —
lá no que toca á freguezia;
mas a razão plausivel é :
desde que abrio-se esta casita
a estalajadeira é bonita
e o vinho é velho como a Sé.
O vinho é bom ! Mais um almude !
Convem os copos esgotar !
Da estalajadeira á saude
bebei ! bebei ! E' de virar !

Todos

O vinho é bom ! etc.

Beatriz

II

Ah ! Portugal ! Quem negará
que o deus das vinhas o protege ?
A sua uva é um maná !
Deixai que o mundo lh'a inveje.
Si, quanto a mim, formosa sou,
é que aqui, nesta casita,
a estalajadeira é bonita
e o vinho é... um vinho avô.
O vinho é bom ! etc.

Repetição do côro

Hop ! Hop ! Hop ! etc.

ahida geral e animadissima. Carlos apparece ao fundo e observa inquieto a scena.)

SCENA II

CARLOS, depois UM ALFAIATE e UMA COSTUREIRA

Carlos

Emfim ! Foram-se emfim !
Afim !

Si alguém aqui me vio ! E' a hora do signal...
(Chamando alguém da esquerda.)

Olá !

Uma voz

Olá !

Carlos *(examinando a scena.)*

Oh ! meu Deus ! si alguém deu por mim...
(O alfaiate vem da esquerda, trazendo um embrulho.)

O alfaiate

Pscio !

Carlos

Pscio !

Ambos

Silencio !

Carlos

'Stá prompto ?

O alfaiate

Já prompto está.

Carlos *(apontando para a direita.)*

Entre p'ra lá...

O alfaiate

Já sei : por acolá. *(Vae sahindo.)*

Carlos

Fallar não vá,
heim ?... Olhe lá !
Pscio ! etc.

(Carlos conduz o alfaiate á direita, e volta depois á esquerda.)

Oh ! meu Deus ! Si acaso alguém me vio !
(Chamando) Olá !

Uma voz

Olá !

(Apparece á esquerda a costureira, tambem com um embrulho.)

Carlos

Pscio ! etc.

(Mesmo jogo de scena que com o alfaiate. Carlos, depois de ter feito entrar a costureira para a esquerda, dirige-se para o fundo, inquieto sempre, como si esperasse ainda alguém, e sae. Cessa a musica.)

SCENA III

BENTO, BEATRIZ, depois CARLOS

(Bento e Beatriz, que reappareceram á porta, acompanharam todo o jogo de scena.)

Beatriz.—Titio ?

Bento.—Minha sobrinha ?

Beatriz.—Vossa mercê vio ?

Bento.—Tu reparaste ?

Beatriz.—O que quer isto dizer ?

Bento.—Sei cá ! Este estrangeiro, que aqui chegou ha oito dias, em companhia de um velhote e de sua filha, não me inspira lá muita confiança.

Beatriz.—No entanto o velhote tem cara de boa pessoa e a menina é bem sympathica.

Bento.—Sim, não duvido; mas o moço tem assim uns modos...

Beatriz.—Tem uns modos assim..... E' um foguete; não pára! Preocupado, sombrio! Alem disso, titio, dos viajantes moços que têm aqui pousado, é o unico que ainda não me deu sequer um beijo...

Bento.—Como é lá isso? Pois elle não te beijou ainda?

Beatriz (*suspirando*).— Não, titio! E creio que se irá embora sem cumprir essa formalidade!

Bento.—Oh! Oh! Um homem que não beija a sobrinha do estalajadeiro! A coisa é mais seria do que eu suppunha! Si fossem conjurados?!

Beatriz.—O moço é estrangeiro: não deve conjurar.

Bento.—Quem nos diz a nós que não é tão brasileiro como tu? Estes conjurados de tudo se lembram! Uma conjuração em minha casa! Não me faltava mais nada!

Beatriz.—O senhor capitão-general dizem que não é para graças!

Bento.—Estou perdido! O desembargo do paço manda-me enforcar com toda a certeza!

Beatriz.—E' preciso sabermos ao certo que gente é esta!

Bento.—Tens razão.... tens razão....

Beatriz.—Mas como ha-de ser?

Bento.—Muito simplesmente; vendo e ouvindo. Olha, vae espiar aquella porta, e eu a esta. (*Vae espreitar á direita; a sobrinha faz o mesmo á esquerda.*)

Carlos (*entrando*).— E o meu amigo, nada de apparecer! Queira Deus que me não deixe a ver navios! (*Vendo Bento e Beatriz*) Heim? O que é aquillo? (*Approxima-se de Bento e dá-lhe um pontapé*) Ah! patife!

Bento (*gritando*).— Ai!

Beatriz (*vollando-se*).—Vio alguma cousa, titio?...

Bento (*esfregando a parte offendida*).— Não! Isto é, vi estrellas.

Carlos (*agarrando-o pela orelha*).—O que fazia você alli? Musque-se!

Bento (*tremendo*).—Sim, meu fidalgo. Anda d'ahi, Beatriz!

Beatriz.—Vamos, titio!

Bento.—Aqui anda maroteira, e grande maroteira! (*Saem Bento e Beatriz*).

SCENA IV

Carlos (*só*).—E' isto! Ando cercado de espiões! De um momento para outro tudo se descobrirá, e então.... Começo a arrepende-me de haver dado este passo! E' o diabo! Quem me mandou sair de Lisboa? (*O alfaiate e a costureira entram. Musica*) Ah! finalmente deram conta do recado..... (*Dá-lhes dinheiro. O alfaiate e a costureira sahem*).

SCENA V

CARLOS, depois GABRIELLA

Carlos.—Ninguem os vio entrar nem sair.... Muito bem! (*Ao publico*) Si eu disser que estes dois individuos, que assim envolvo no mais tenebroso mysterio, são simplesmente.... Qual! Ninguem acredita! São simplesmente um alfaiate e uma costureira que trazem a roupa de noivado de meu futuro sogro e de minha futura mulher.... (*Com terror*) O' ceos! fallei tão alto! Creio que ninguem me ouviu! (*Olhando em volta de si*) Não.... Ninguem.... Respiro! (*A porta de Gabriella abre-se lentamente*) Vem alguém! Calma, sangue frio!

Gabriella (*entrando*).—Aqui estou, meu queridinho!

Carlos (*aparte*).—Gabriella! E como vem vestida!

DUETTO

Gabriella

Eis-me afinal, ó meu marido!

Carlos (*A parte*)

O' ceos! já seu marido...

Gabriella

Querido amor!

Carlos

Anjo querido!

Gabriella

Vem para mais perto de mi...

Carlos

De ti?

Gabriella

De mi...

Carlos (*approximando se receioso*)

Eis-me aqui.

COPLAS

Gabriella

I

Venho mostrar-me ao noivo meu,
quasi a chegar o fliz momento,
a ver si sou do agrado seu,
vestida já p'r'o casamento.
Saber do meu futuro quiz
si este vestido é do seu gosto,
e si acha a côr destes rubis
d'acordo co'a côr do meu rosto.
E' mui suspeita a opinião
daquelle que por mim palpita;
mas diga lá, por compaixão,
si a noivazinha está bonita.

II

Mas, oh! meu Deus! que quer dizer
este ar assim tão inquieto?
Pois não lhe dá nenhum prazer
coroadado ver o nosso affecto?
Acaso ao gosto seu não 'stou?
Repare bem... não vio direito...
Dó mesmo parecer não sou,
pois o vestido está bem feito.
Afflicto esteja, meu senhor;
mas si não quer me ver afflicta,
diga-me lá, faça o favor,
si a noivazinha está bonita.

(*Carlos volta a cabeça; Gabriella afasta-se despeitada*)

Amor, então, já me não tem?

Carlos

Juro fazer quanto em mim caiba
para que sejas fliz, porem
convem amor, que ninguem saiba...

Gabriella

Como ninguem ?...

Carlos

Ninguem ! Ninguem !

Eu te fallo serio...
Não duvides, não !
Lá no coração
guardemos o mysterio
deste ardente amor...
Ninguem seja sabedor
deste amor...

Gabriella

Só posso então dizer que te amo...

Carlos

Bem devagar.

Gabriella

Bem devagar ?
Pois assim seja : eu não reclamo

Carlos (*a meia voz*)

Eu te amo.

Gabriella (*no mesmo*)

Eu te amo.

Juntos

Eu te fallo } serio...
Tu me fallas }
Não duvides } não
Não duvido }
Lá no coração, etc.

Gabriella.—Mas porque todo este mysterio ? Quem se casa
corre perigo ?

Carlos.—O casamento é um perigo para os homens em geral
e para mim em particular.... Oh !

Gabriella.—O que receias tu ? Não gosas de tanta influencia ?
Não és o privado do capitão-general ?

Carlos.—O capitão-general! Oh! não pronuncieis esse nome, Gabriella! Si elle soubesse.....

Gabriella.—O que?

Carlos.—Não me perguntes mais nada! Amas-me, não é assim? Casemo-nos.

Gabriella.—De certo! Isso é coisa resolvida! (*Ouve-se rumor fóra*) Jesus! Ah! vem papai! Elle é que não está nada satisfeito com estas reservas!

Carlos.—E' teu pai? Ah! vem elle deitar a casa abaixo! E todo o mundo vai ouvi-lo!

SCENA VI

Os mesmos e CASTELLO-BRANCO

Castello-Branco. (*entrando de muito mau humor*). — Palavra d'honra! Isto não se commenta! (*Vendo Carlos*) Ah! é vossa mercê, monsiú? Quizera vel-o no inferno, e ao seu casamento absurdo!

Carlos.—Então! Tenha calma, senhor meu sogro.

Gabriella.—O que é, papai? o que é?

C. Branco.—O que é? o que é? Não é nada! (*Com toda a calma*) Ah! falta-me um botão. (*Zangado*) Quando digo que tudo me chega!

Gabriella.—E' só isso? Descance: hei-de pregal-o, papai.

C. Branco.—Pois bem, pois bem. Mas não me posso conter! Quero desabafar! Porque cargas d'alhos, eu, Antonio Pedro Salma Coutinho Castello-Branco, morgado de S. Gabriel e podre de rico, consenti no casamento de minha filha com vossa mercê, que não é meu compatriota, nem tem, nem póde ter posição official definida?!

Gabriella.—Eu sempre gostei muito do senhor Carlos, papai.

C. Branco.—Não é um motivo plausivel!

Gabriella.—Pois não é?!

C. Branco.—O motivo foi outro. Já lhes disse que sou podre de rico, e, por consequencia, proprietário de muitas propriedades. Uma destas propriedades, e justamente aquella a que ligo mais apreço, de tal modo está situada, que tira a vista do rio ao palacio do capitão-general. Muitas vezes chegou a dizer-me o capitão-general: «Morgado de S. Gabriel, é preciso que você me ceda o cochicholo.» Recusei sempre ceder-lhe o cochicholo. Então, vai um bello dia e diz-me o capitão-general: «Morgado de S. Gabriel, você não quer vender-me o cochicholo? Hei-de possuil-o sem gastar um real. Vou mandal-o arbitrar pela municipalidade, e babau!»

Carlos.—Mas não sei que relação possa haver.....

C. Branco.—Espere! Um dia pareceu-me que a rapariga tinha certa inclinação por vossa mercê.

Gabriella.—Oh! muita, muita, muita, papai!

C. Branco.—Não insistas, rapariga. Inclino-me a crer que, de seu lado, vossa mercê tinha tambem certa inclinação pela rapariga. am ambos por um plano inclinado! Vai uma vez, convidei-o para lantar. No dia seguinte vossa mercê apresentou-se, tambem para jantar, mas desta vez sem ser convidado. Assim aconteceu durante um mez inteiro. Vocês iam n'uma desfilada....

Gabriella.—N'uma grande desfilada!

C. Branco.—Não insistas, rapariga. O mal estava feito. O que não tem remedio.....

Carlos.—Mas a que conclusão desêja chegar o senhor meu sogro?

C. Branco.—A que conclusão? Pois vossa mercê não comprehendeu o meu plano? Eu dissera com os meus botões: O Carlos é privado do capitão-general: si lhe dou a rapariga, eis-me sogro do privado; excellente meio de não ser privado de minha propriedade.

Gabriella (*furiosa*).—Como assim? Pois o papai casa-me para segurança de sua propriedade?

C. Branco.—Não insistas, rapariga! Infelizmente o resultado foi nullo, pois o monsiú declarou ser preciso que o casamento se effectue clandestinamente!

Gabriella.—Mas, papai, eu já não lhe disse que tanto me faz clandestinamente como as claras?

C. Branco.—A ti, tanto faz assim como assado; mas a mim? O que lucro eu com semelhante casamento? Serei sogro do privado, é certo; mas de que serve tudo isso, si hei de ser um sogro anónimo?

Carlos.—Emfim, onde quer chegar?

C. Branco.—Quero desabafar, eis o que eu quero! Vamos, não percamos mais tempo! Toca para a matriz! Acabemos com isto, acabemos com isto!

Gabriella.—Sim, sim, eu acho bom!

Carlos.—Um momento: estou á espera de....

C. Branco.—De quem?

Carlos.—Precisamos de dous padrinhos.... Um delles já lá está dentro.... E' um mudo!

C. Branco.—Um mudo!

Carlos.— Tenho certeza de que não ha de dar com a lingua nos dentes. Infelizmente não pude arranjar dous mudos. Escrevi a um amigo intimo e seguro. Já devia aqui estar.

C. Branco.— Si convidarmos o dono da estalagem?

Gabriella.— E' verdade; dir-lhe-hemos que metta esse serviço na conta.

Carlos.— Deus me defenda! Um homem curiosissimo que anda a espreitar ás portas! Iria apregoar por toda parte o meu casamento! Nunca! Nunca!...

C. Branco.— Portanto...

Gabriella.— Si o tal amigo tardar?

Carlos.— Esperaremos.

C. Branco (*de máo humor*).— Oh! mas isto é demais, senhor monsiú! Isto é de mais!

Carlos.— Senhor morgado de S. Gabriel!

C. Branco.— Ha oito dias que vossa mercê parece estar a caçoar commigo e com a rapariga. E' de mais!

Gabriella.— Papai!

C. Branco.— Não insistas, rapariga! (*A Carlos*) Convidamos o estalajadeiro?

Carlos.— Não! não e não!

C. Branco.— Tome sentido, monsiú: eu posso desmanchar a egreginha!

Carlos (*encolhendo os hombros*).— Pois desmanche: é o mesmo.

Gabriella.— Heim! Pois é o mesmo?

C. Branco.— Mas devo observar-lhe que se não devia metter de gorra em minha casa!

Carlos.— Diga antes que me armou uma ratoeira!

C. Branco.— Por que razão vinha jantar commigo?

Carlos.— Si não fosse convidado...

C. Branco.— Porque aceitava os meus convites?

Carlos.— Que culpa tenho de que sua filha se me pespegasse como um caustico?

Gabriella (*furiosa*).— Um caustico, papai, um caustico!...

C. Branco.— Não insistas, rapariga! (*A Carlos*) Estava em suas mãos desvial-a.

Gabriella.— A culpa foi sua.

Carlos.— Minha!

TERCETTO

Carlos

Tão amavel não fosse a senhora...

Gabriella

Não me houvesse jurado afeição...

C. Branco

Meu genro não seria agora,
si não gabasse tanto a sua posição!

Carlos

... de certo a não teria amado!

Gabriella

... não me teria apaixonado!

C. Branco

Eu não me havia de lembrar
de o convidar para jantar!

Gabriella

Mas o senhor é tão galante...

Carlos

Mas a senhora é tão chibante...

C. Branco

Tal posição!

Gabriella

Ai! que illusão!

JUNTOS

C. Branco

Estou despeitado!
Que sogro eu sou!
Stá tudo acabado...
Tudo entre nós acabou!

Gabriella e Carlos

Fui de seu agrado,
e já não sou!
Stá tudo acabado...
Tudo entre nós acabou!

Carlos

Oh! Felizmente inda podemos
sanar o mal que feito está!

Gabriella

O dito por não dito demos!
A mim bem pouco se me dá!

C. Branco

Tudo entre nós acabará!

Carlos

Pois não, senhor morgado! E' já!

C. Branco

Isto é, si fôr do seu agrado...

Carlos

Senhor, não val ficar zangado...

C. Branco

Tudo acabou!

Gabriella e Carlos

Tudo acabou!

C. Branco

Já despir este facto vou!

Gabriella e Carlos

Tudo acabou!

C. Branco

Meu genro, tudo acabou!

(Silêncio. Cada um toma direcção diversa)

Gabriella

Adeus, senhor!

Carlos

Adeus, minha senhora!

Gabriella *(Parando à porta, aparte)*

Porem...

Carlos *(Mesmo jogo de scena, no
fundo)*

Porem...

JUNTOS

Meu Deus! quero-lhe bem!

Quem o negará? Ninguém! Ninguém!

Carlos *(vollando)*

De novo o coração se humilha...

Gabriella

De novo o meu tambem se humilha...

C. Branco

Então, minha filha?

Carlos

Meu anjo!

Gabriella

Meu amor!

C. Branco

Voltam ao velho estado?

Gabriella

Meu amor!

Carlos

Meu anjo!

JUNTOS

'Stá tudo arranjado.

C. Branco

Nada acabou?

Carlos e Gabriella

Nada acabou!

C. Branco

Oh! já não está cá quem fallou!

Carlos e Gabriella

Nada acabou!

C. Branco

Meu genro, nada acabou!

JUNTOS

C. Branco

Não estou despeitado!
Que sogro eu sou!
Nada está acabado...
Nada entre nós acabou!

Gabriella e Carlos

Fui de seu agrado
e ainda sou!
Nada está acabado...
Nada entre nós acabou!

C. Branco (*rosnando sempre*).— Está bem, está bem; fique de parte o estalajadeiro. Esperaremos...

Gabriella.— Veja si arranja isso depressa.

C. Branco.— Não insistas, rapariga! Vamos. Até logo, senhor meu genro.

Carlos.— Falle mais baixo... falle mais baixo...

C. Branco (*baixinho*).— Até logo, senhor meu genro. (*Vae sahindo com Gabriella.*)

Carlos (*idem*).— Até logo, senhor meu sogro.

Gabriella (*voltando, baixinho*).— Veja si arranja isso depressa (*Sahe.*)

SCENA VII

CARLOS, BENTO e BEATRIZ

Carlos.— E o outro padrinho que não apparece? Haveria algum transtorno?

Bento (*que entra do fundo com Beatriz, baixinho*).— Olha, elle falla sosinho.. Oh! estes estrangeiros!

Beatriz.— Estes conjurados!

Carlos (*vendo-os*).— Ainda vocês! O que ha?...

Bento.— Não vos zangueis! Vinhamos prevenir-vos...

Beatriz.— Que vieram agora mesmo...

Bento.— Neste instante...

Beatriz.— Não ha cinco minutos...

Bento.— Qual cinco minutos!

Carlos.— Então? Então?

Beatriz.— Trazer esta cartinha...

Carlos.— Está bem! Dê cá!

Bento (*a Beatriz*).— Vai tu, vai tu levar-lh'a. Eu sou capaz de apanhar outro pontapé, e tu não!

Beatriz (*approximando-se com precaução*).— Aqui tem... (*Dá-lhe a carta e retira-se vivamente.*)

Bento (*levando-a*).— Anda d'ahi... Credo! Um conjurado!

Carlos (*que abriu e leu a carta*).— Oh! *Sapristi!* Isto só a mim acontece! O padrinho não pôde vir: estou reduzido ao mudo. Todavia, é preciso outro... Hei de arranjar-o por força.

SCENA VIII

CARLOS e MANOEL DE SOUZA

M. de Souza (*fôra*).— Estou muito apressado! Façam com que meu cavallo coma a galope! Não me posso demorar! (*Entra.*)

Carlos.— Um estancieiro!...

M. de Souza.— Tres dias de atrazo! Gertrudes deve estar furiosa!

Carlos (*observando*).— Esta cara não me é estranha!

M. de Souza (*no mesmo*).— Não me engano! E' elle [...]

Carlos (*dirigindo-se a elle*).— Não é por ventura o senhor Manoel de Souza?

M. de Souza.— Não é ao monsiu Carlos que tenho a honra de...

Carlos.— Exactamente. Foi pelo anno passado...

M. de Souza.— Tomavamos banhos no rio... em Porto Alegre.

Carlos.— Eu nadava como um peixe....

M. de Souza.— Eu nadava como uma pedra...

Carlos.— Tu andavas em uma barquinha...

M. de Souza.—De repente a barquinha virou-se, e bumba...

Carlos.—Ias morrer afogado, quando agarrei-te pelos cabellos e trouxe-te à tona d'agua.

M. de Souza.—En estava salvo! Devo-te a vida, meu bom Carlos.

Carlos.—Ora este Manoel de Souza! (*Aparte*) Tenho padrinho. (*Alto*) Não fazes idéa do prazer que me causa a tua presença! Tu vaes bem, não vaes?

M. de Souza.—Menos mal... Isto é, eu casei-me...

Carlos.—Casaste-te? Pois, aqui onde me vês, vou fazer outro tanto!

M. de Souza.—Oh! diabo!

Carlos.—E, mesino a esse respeito, preciso muito de ti: é indispensavel que me prestes um serviçozinho.

M. de Souza.—Tenho a observar-te que estou com muita pressa.

Carlos.—Apenas um hora.

M. de Souza.—Uma hora! Sinto muito não te poder ser util, meu charo, mas minha mulher está à minha espera.

Carlos.—Ella que espere mais uma hora. Que inconveniente ha nisso?

M. de Souza.—Que inconveniente? Ah! bem se vê que não sabes quem é Gertrudes! Que mulher, meu amigo! Ella me tem um amor, mas que amor! tão vehemente que, não me lembra sob que pretexto, fui obrigado a ausentar-me de casa. Devia estar de volta no fim de quinze dias, e ha dezoito que sahi de casa. Faz tu idéa da recepção que me aguarda! Alem de tudo, Gertrudes tem um pessimo costume.

Carlos.—Qual é?

M. de Souza.—Como gosta muito de montar a cavallo, tem sempre uma chibatinha na mão... e quando zanga-se commigo... zás...

Carlos.—E tu consentes n'isso?

M. de Souza.—Que queres tu? Ella tem-me um amor!

Carlos.—E tu temes a chibatinha! Pois bem: uma vez que já estás habituado a semelhante systema, algumas caricias de mais ou de menos, para servires um amigo que te salvou a vida...

M. de Souza.—Mas...

Carlos.—E' absolutamente preciso que me sirvas de padrinho.

M. de Souza.—De padrinho! Pois ainda não estás baptisado?

Carlos.—Padrinho de casamento...

M. de Souza.—Pois é para isso? Porque não agarras tu outro sujeito, que tenha menos pressa?

Carlos.—Porque o meu casamento deve ser ignorado por todos... Já arranjei um mudo... Preciso de outro... Manoel de Souza, esse outro mudo has de ser tu!

M. de Souza.—Mas porque?

Carlos.—Porque... queres tu saber?

M. de Souza.—Sim... não! tenho muita pressa.

Carlos.—Pois bem! Escuta... e treme!

Manoel de Souza (*aparte*). — Diabo! uma historia... Quanto mais pressa, mais vagar...

Carlos.—Como muito bem sabes, Manoel de Souza, eu sou ha muito tempo, o amigo... o privado do capitão-general. Vim com elle de Lisboa, e até hoje tenho-me conservado sempre a seu lado. Hoje esse tyranno está viuvo, mas, antes disso, era casado...

M. de Souza.—Ah! (*Lembrando-se*) Naturalmente, pois si é viuvo...

Carlos.—Muito bem! A mulher do capitão-general, uma italiana de temperamento de fogo, de sangue calido, de alma ardeante e volcanica...

M. de Souza.—Como Gertrudes...

Carlos.—Era admiravelmente formosa... Eu andava pelo beicinho...

M. de Souza.—Como eu...

Carlos.—Era inevitavel o escandalo... Um bello dia, ou antes um mau dia, o capitão-general surpreendeu-nos em um colloquio que...

M. de Souza.—Não deites mais na carta...

Carlos.—Em meu lugar, outro qualquer abria a janella, e deixar-se-hia escorregar pela goteira. Eu fui sublime! Fiquei! Colloquei-me entre a mulher culpada e o marido ultrajado, e exclamei: « Perdoai-lhe, senhor! E' de sangue que precisaes! Aqui tendes o meu! E' vosso! »

M. de Souza.—Foste muito nobre, mas um tanto estúpido...

Carlos.—Um escandalo, respondeu elle, para dar lugar a que, ainda em cima, zombem de mim! Não! Minha vingança ha-de ser mais calma. Tranquillisa-te. Tu és o meu privado; continuas a sel-o, sel-o-has para todo o sempre!

M. de Souza.—Ora ali está um homem commédido!

Carlos.—Ouve o resto. « Eu era teu amigo; de hoje em diante o serei mais que nunca; porem...

M. de Souza.—Ah! temos um *porem*...

Carlos.—«Alguns dias te has de casar... Empraso-te para esse dia, meu amigo, ajustaremos contas, e então, dente por dente, olho por olho. Fizeste das tuas, eu farei das minhas. Entendeste?» Sim. «Muito bem! Vae amanhã jantar commigo. Seremos os mesmos um para o outro.» — Como de facto, desde esse momento, nem mais uma palavra a respeito... Diante do mundo o sorriso das salas; no fundo, o odio e a vingança! »

M. de Souza.—Tudo isso que me acabas de contar é muito interessante; mas... Adeus, meu amigo, estou com muita pressa.

Carlos (*delendo-o*).—Bem sei o que me queres dizer: nesta situação restava-me tomar um partido muito simples: não casar-me nunca...

M. de Souza.—E' verdade!

Carlos.—Disso lembrei-me eu... Estava resolvido a ficar solteiro toda a minha vida, ou toda a vida do capitão-general, si elle chasasse o olho primeiro que eu... Infelizmente, *porem*, o homem um ser incompleto, que, por ser incompleto, cedo ou tarde sentia a necessidade de completar-se.

M. de Souza.—E é hoje que te completas?

Carlos.—Como vês. O meu casamento deve ser effectuado no mais profundo segredo. Para mais segurança fiz com que alguns medicos de Porto-Alegre aconselhassem-me os ares do campo e um rheumatismo que não tenho. Desde que aqui estou, tenho escripto ao capitão-general, dizendo-lhe que vou cada vez a peor, a fim de que elle não desconfie de minha prolongada estada em Viamão. Hontem mesmo (vê tu que excesso de precaução!) mandei-lhe dizer que estava quasi a bater a bota. Tal é, Manoel de Souza, a narração exacta e dolorosa que te tinha a fazer. Convi-rás que é absolutamente preciso me sirvas de padrinho. Ficas, não é assim?

M. de Souza.—Homem... é que... Como já tive occasião de dizer-te, Gertrudes... Gertrudes não é nada, mas a chibatinha...

Carlos.—Só uma hora!

M. de Souza.—Uma hora! E' muito, meu amigo, é muito!

Carlos.—Vamos! Uma hora, Manoel de Souza!

M. de Souza.—Pois vá lá! Ora adeus! Diga Gertrudes o que quizer! Fico!

Carlos.—Ah! eu logo vi! Obrigado, muito obrigado! (*Apertalhe a mão com effusão*).

SCENA IX

Os mesmos, BENTO, BEATRIZ, depois CASTELLO-BRANCO, GABRIELLA e o MUDO

Beatriz (*entrando com Bento, a Manoel de Souza*). — Está prompto o cavallo.

Carlos.—Deixe-o estar. Não é preciso por ora.

Beatriz.—Sim, senhor.

Bento (*examinando M. de Souza*).—E' outro que tal! Decididamente isto não é uma estalagem; é um valhaconto de conjurados...

Beatriz.—Estamos bem aviados, titio. (*Sahem.*)

Carlos.—Agora, mãos á obra! (*Indo á porta de C. Branco*). Olá senhor Morgado de S. Gabriel! Gabriella!

C. Branco (*entrando com a filha*).—Podemos ir?

Carlos.—Sim, senhor (*Apresentando M. de Souza*). Meu padrinho, o senhor Manoel de Souza, a quem salvei a vida. (*Comprimentos.*)

M. de Souza.—Estou com muita pressa. Vamos ligeiro, heim?

Carlos.—A demora não ha de ser por mim. Vou buscar o mudo. (*Chamando para dentro*). Oh! senhor mudo... Pscio! Venha cá! (*Entra o mudo e comprimenta a todos*).

M. de Souza.—Então você é mudo? (*O mudo faz signal affirmativo*). Não póde dizer com a boca? E' preciso estar a... (*Arre-medando o mudo, ri-se bestialmente a Carlos*). Sahiu-te ao pin-tar, heim?

Carlos.—E baratinho... Vinte cruzados só... Mas, vamos, vamos embora!

Todos.—Vamos embora!

QUINTETTO

Carlos

E' já safar,
sem mais tardar,
sem haver demora!

Gabriella

Com precaução,
com promptidão
vamos-nos embora!

Todos

E' já safar, etc.

M. de Souza

E' já partir com todo o afan !

O mudo

An, an, an, an !

Carlos

Cautelosos,
pressurosos,
convem sahirmos d'aqui !

M. de Souza

Tempo é de andar d'ahi !

O mudo

Hi, hi, hi, hi !

Gabriella

Com prudencia,
com cadencia
partamos sem tardar !

Todos

Sem demorar !
Já, já, já, já !

O mudo

Ah ! Ah ! Ah ! Ah !

Sahem todos. O mudo fica só em scena continuando mentalmente o motivo da sahida. Vendo que está só :

O mudo (*confidencialmente*).—Eu sou mudo de profissão ; mas (si isto só me render o ajuste, mudo de profissão ! (*Sahe a correr.*))

SCENA X

BENTO, BEATRIZ, depois GERTRUDES

Bento.—Então, minha sobrinha ?

Beatriz.—Então, titio ?

Bento.—Não é o que te digo ? Aquelles desgraçados vão re-voltar todo o interior da provincia !

Beatriz.—Ah ! titio ! O que será de nós !...

Gertrudes (*entrando bruscamente com uma chibatinha na mão*).—Olá ! Oh ! de casa ! Venha alguém (*Vendo Bento e Beatriz*)
Olá, velhote, olá, rapariga !

Beatriz (*vollando-se*).—Uma senhora !

Bento (*com solícitude*).—Oh ! minha senhora, vós...

Gertrudes (*sem lhe dar tempo de fallar*). Nem claro, nem mo-reno...

Bento.—Senhora...

Gertrudes (*no mesmo*).—Nem alto, nem baixo...

Bento.—Senh.....

Gertrudes (*no mesmo*).—Nem gordo, nem magro ; figura in-significante, boca sem expressão ; sorriso desenxabido ; mas com um certo ar de distincção.... Nem muito nem muito pouco... São estes os seus signaes. Viram-n'o ? (*Passa agitando a chibata.*)

Beatriz.—O que diz ella ?

Bento.—Nem muito, nem muito pouco... (*Com uma idéa*) Ah ! é a senha... a senha dos conjurados... Senhora, também per-lence a...

Gertrudes.—A quê, homem de Deus ?

Bento.—Bem sabe... (*Baixo*) A' conjuração...

Gertrudes.—Você é um tolo ! Quem foi que lhe fallou em con-juração ? E' meu marido, é o meu Manoel de Souza que procuro.

Bento.—Seu marido !

Gertrudes.—Não percebem ? Meu marido ! Só tenho aquelle e não me faz conta perdê-lo !

ARIA

O meu amor, meu tudo,
o grande cabeçudo,
grandissimo infiel,
—meu bello Manoel ;
o meu gentil marido,
meu confidente infido,

— de casa se ausentou ;
 sosinha me deixou !
 Ai! quanto é mau, embora bello!
 O Manoel de mim já se esqueceu!
 P'ra elle todo o meu desvello,
 p'ra mim o esquecimento seu...
 Mas si o ciúme me maltrata
 o desvairado coração,

(Agitando a chibata)

vinga-me, olé! me vinga esta chibata,
 a fustigar o maganão.

Olá!

Toma lá!

Olá!

Meu sandeu!

Toma lá que te dou eu,
 judeu!

A' vez primeira em que nos vimos,
 amor vehemente aqui brotou;
 os nossos corações unimos:
 ai, meu Deus! foi quanto bastou.
 Pouco depois de a elle unida
 (recordação que mal me faz),
 Manoel fez-me uma partida...
 Eu estava armada... Ah! meu rapaz!...
 Olá, etc.

(Com uma expressão langorosa)

Ah! Ah! Ah!

O meu amor, meu tudo, etc.

Bento. — Ah! a senhora anda á procura de seu Manoel?

Gertrudes. — Elle está cá, pois não está! Ah! senhor estalajadeiro, diga-me, diga-me que elle está cá.

Bento. — Sinto muito dizel-o, senhora, mas... nunca o vi mais gordo.

Gertrudes. — Aquelle monstro! Aquelle miseravel! Similhante conducta! Aposto que elle neste momento engana-me com mulheres, talvez!... Ah! senhor estalajadeiro, si você soubesse a historia do retrato...

Bento. — Que retrato?

Gertrudes (mostrando um medalhão que tira da algibeira). — Beste que trago sempre aqui, na algibeira... uma senhora de Porto-Alegre por quem elle andou outr'ora apaixonado. (Abrindo o medalhão). Você conhece por acaso alguma senhora de Porto-Alegre, que se pareça com isto?

Bento. — Não...

Beatriz. — Nunca a vi mais gorda...

Gertrudes (fechando o medalhão com colera). — O' raiva! Sempre que me lembro de similhante velhacada, fico de tal forma impressionada... Senhor estalajadeiro, segure-me... eu... (Finge que desmaia nos braços de Bento.)

Bento. — Então o que é isto, minha senhora? o que é isto?...

Gertrudes (a Beatriz, com voz sumida). — Menina?

Beatriz. — Senhora?

Gertrudes. — Quero tomar alguma coisa... alguma coisa quente!

Beatriz. — Quer ir lá para dentro?

Gertrudes. — Não sei! Estou tão fraca! Vou experimentar... (Dá alguns passos sustida por Bento e Beatriz; depois endireita-se bruscamente e entra na estalagem, agitando a chibata). — Ah! velhaco! alma de cão! Si te apanho... (Beatriz segue-a)

Bento (só). — Com certeza esta senhora tem uma aduella de menos. (Rodar de carroagem fóra) Heim? uma carreta! (Vae ver ao fundo) Que vejo! Soldados! Mizericordia! A conjuração foi descoberta! Vão ser presos os conjurados, e aqui estou eu comprometido.

Capitão-general (fóra). — Anda d'ahi, Theobaldo.

Theobaldo (fóra). — Prompto!

SCENA XI

BENTO, CAPITÃO-GENERAL e THEOBALDO

C. General (entra, acompanhado por Theobaldo). — Muito bem! Esperem lá fóra! (A Bento) Você é que é o dono desta estalagem?

Bento (tremendo). — Eu é que sou o dono desta estalagem. (Aparte) Estou arranjadinho....

C. General. — Approxime-se.

Bento (tremendo). — A's vossas ordens.

C. General. — Viajo incognito; mas como sei o que são estas estalagens, julgo conveniente prevenil-o que sou o capitão-general...

Bento (aterrado). — O capitão-general!!! Céus!... (Aparte) Estou aqui, estou enforcado...

C. General. — Você tem um quarto desocupado?

Bento (balbuciando). — Senhor....

Theobaldo.—S. Ex. pergunta si você tem um quarto desocupado!...

Bento (atrapalhado).—Posso mandar preparar a sala de espera.

C. General.—Mas a tal sala de espera é mais cara?

Bento (sorrindo amavelmente).—Saiba V. Ex. que sim.

C. General.—Não importa: heide-lh'a pagar baratinho.

Bento (sorrindo amargamente).—V. Ex. manda.

C. General.—Mas vamos ao que aqui me traz, e responda sem circumloções!

Bento (intimado).—Senhor

Theobaldo.—Sem circumloções!

Bento.—Sem circum.... Como?

C. General.—....loções. Elle como vae?

Bento (admirado).—Como?

C. General.—Como vae elle?

Bento.—Mas...

C. General.—Você não tem aqui um doente?

Bento (surpreso).—Ah! (*Mudando de tom*) Ah! Sim, sim. (*Aparte*) Elle quer sondar-me...

C. General.—Elle passou melhor a noite?

Bento (atrapalhado).—Saiba V. Ex. que... isto é.....

Theobaldo (batendo-lhe no hombro).—S. Ex. pergunta si elle passou melhor a noite!

Bento.—Oh! oh! não bata no pulpito!

C. General (vivamente).—Mas ao menos não morreu?

Bento.—Oh! não! não!

C. General.—Respiro!

Bento (aparte).—Si eu percebo....

C. General.—Mande dar palha aos meus animaes, ande!

Bento.—Saiba V. Ex. que nesta occasião só ha cevada de muito boa qualidade...

C. General.—E' mais cara?

Bento (sorrindo amavelmente).—Saiba V. Ex. que sim...

C. General.—Não importa! heide-lh'a pagar baratinho.

Bento (sorrindo amargamente).—V. Ex. manda.

C. General.—Musque-se!

Bento.—V. Ex. manda. (*Sahe*)

SCENA XII

O CAPITÃO-GENERAL, THEOBALDO, depois CARLOS.

Capitão-General.—Ora esta! Esqueci-me de perguntar a este tolo onde é o quarto de Carlitos; vae tu saber, Theobaldo.

Theobaldo (sahindo).—N'um abrir e fechar d'olhos.

C. General (só).—Carlitos assustou-me com este bilhete! (*Lendo*) «Sinto-me fraco. Tenho medo de não amanhecer com vida.» —Mal recebi hoje pela manhã estas lettras, corri... Deus queira que haja esperança de salvá-lo!

Carlos (entrando).—Eis-me finalmente casado. (*Dá alguns passos e acha-se cara a cara com o capitão-general*) Ah!

C. General (admirado).—Pois que! E's tu?!

Carlos (aparte).—O capitão-general! E Gabriella que...

C. General.—Eu julgava encontrar-te em posição horisontal!

Carlos.—V. Ex. bem sabe... O rheumatismo agudo é uma molestia que vae e vem, vem e vae...

C. General.—Um rheumatismo agudo é grave! Mas estás com muito cara... Teu ultimo bilhete sobresaltou-me sobremodo. Corri! Voei!

Carlos (a parte).—Desalmado! Pinte o meu estado feio de mais. (*Alto, procurando leval-o para fóra*) V. Ex. já tomou aposentos?

C. General.—Theobaldo anda a tratar disso. Ah! meu querido Carlitos, quanto folgo por encontrar-te em posição vertical!

Carlos (cada vez mais inquieto e aparte).—Gabriella está ali! está a chegar....

C. General.—E' que... como não ignoras, a tua vida é-me tão preciosa como a minha. (*Batendo-lhe no hombro amigavelmente*) Heim? negarás que a tua vida é-me tão preciosa...

Carlos (inquieto sempre).—Sim... sim...

C. General.—Felizmente estás muito moço ainda; tens o futuro diante de ti. Mais dia menos dia, casar-te. (*Movimento de Carlos*) Tomara eu já! Ha-de ser grande a alegria! E aqui estou eu, que desde já prometto assistir ás tuas bodas!

RONDÓ

Um dia, olé! te casarás...
Muito m'hei de rir... Tu verás...
Mais do que tu 'starei contente...
Bem certo estou: procurarás
e com certeza encontrarás
para mulher — mulher ardente...
Um dia, olé! te casarás...
Muito m'hei de rir... Tu verás...
Mais do que tu 'starei contente...

De minha mão receberás
tua mulher pura, innocente;
muito feliz então serás!
com que fervor a adorarás!
Mas o fervor que sentirás
não será muito mais fervente
que o meu fervor seguramente.

Ah! Ah!

Um dia, olé! etc.

Carlos. — Não duvido que assim seja... Oh! mas esse dia ainda esta muito longe. (*A parte*) Quem não está longe é Gabriella.

C. General. — Veremos! Tudo chega.

Carlos (*aparte*). — Quem vae chegar é ella. (*Ouve-se a voz de Castello-Branco*) Elles ali vêm! Agora é que são ellas!

SCENA XIII

Os mesmos, CASTELLO-BRANCO e GABRIELLA

Castello-Branco (*entrando com Gabriella*). — Senhor monsiu, senhor monsiu! vossa mercê veio a correr!

Carlos (*aparte*). — Antes não viesse!

C. Branco. — E despediu-se á franceza... Não admira, é francez!

Gabriella. — Onde é que se metten?

C. General. — O' que linda mulher!

C. Branco. — O capitão-general! (*Inclinando-se, a Gabriella*) Comprimenta, rapariga.

Carlos (*aparte*). — Estou em brasas!

C. General. — Oh! mas si me não engano, é o morgado de S. Gabriel, que tão obstinadamente recusa ceder-me o cochicholo...

C. Branco. — E' uma recordação de familia, senhor...

C. General. — Bem! bem! senhor morgado! O que lhe digo é que o cochicholo ha de ser meu! (*A parte*) Manda quem póde.

C. Branco (*aparte*). — O' raiva! não passo de um sogro anonymo!

C. General. — Esta encantadora senhora é sua filha, Sr. morgado?

C. Branco. — Nossa. (*A Gabriella*) Comprimenta, rapariga.

C. General. — E' linda como os anjos! (*Comprimentando-a*) Minha senhora...

Gabriella. — Senhor capitão!

C. Branco (*acotovellando-a*). — General... general...

Gabriella. — Senhor general...

C. Branco (*no mesmo*). — Capitão-general.

Gabriella. — Senhor capitão-general.

C. Branco. — Não insistas, rapariga!

C. General. — Que ricos vestidos! Afigura-se-me uma noiva...

C. Branco. — E noiva é...

C. General. — Ah! acaba de casar-se porventura?

Carlos (*sem saber o que diz*). — Precisamente não... casou-se sem se casar...

Gabriella. — Como?!

Carlos. — Isto é... sim... quero dizer que seu marido...

C. General. — E o feliz marido de tão interessante menina, é?

Carlos (*atrapalhado e aparte*). — Meu Deus! (*alto*) E'... é...

C. General. — Quem?

Carlos (*incommodadissimo*). — E'... é...

SCENA XIV

Os mesmos e MANOEL DE SOUZA

Manoel de Souza (*a Carlos*). — Meu caro, venho dizer-te adeus...

Carlos (*aparte*). — Elle! Oh! que idéa (*A apresentando-o*) Eil-o, o senhor Manoel de Souza.

Gabriella e C. Branco. — Heim?

Gabriella (*aparte*). — Meu marido! Elle?

C. Branco (*idem*). — Meu genro! Elle?

M. de Souza. — Senhor capitão-general...

Gabriella (a Carlos). — O que quer isto dizer !

Carlos (baixo). — Cala-te, em nome do céu ! O capitão-general não se demora muito ; já vês pois que....

C. General (a M. de Souza). — Meus parabens, senhor Manoel de Souza : é muito linda !

M. de Souza. — Quem ?

C. General. — Quem ha de ser ? (Apontando) Ella..

Carlos. — Ella...

C. Branco. — Ella...

Gabriella. — Eu.....

C. Branco. — Não insistas, rapariga !

M. de Souza. — Ah ! realmente é muita linda... é...

C. General (A parte). — Não de ir morar no meu palacio, quer queiram, quer não queiram ! (Alto a M. de Souza) Tenho as melhores informações sobre vossa mercê, senhor Manoel de Souza. Em meu palacio de Porto-Alegre tenho um pequeno estado maior de officiaes de lanceiros. Quero elevá-lo, provando-lhe assim a consideração que....

M. de Souza. — Mas...

C. General. — Hesita ? Já sei quem o impede... (Com malícia) Sua senhora ; não é ?

M. de Souza. — Minha mulher ?! Quem disse a V. Ex....?

C. General. — Pois bem : vossa mercê leval-a-ha consigo.

M. de Souza. — Minha mulher ?

C. General. — Os officiaes do meu estado maior são quasi todos casados, e moram em meu palacio com suas respectivas metades. Tenho accommodações para mais um casal. Estou certo que sua senhora não se negará a acompanhá-lo. (A Gabriella) Não é assim, minha senhora ?

M. de Souza. — Como ! Mas não é esta que....

Carlos (tapando-lhe a bocca). — Cala-te ! E' tua mulher... provisoriamente.

M. de Souza. — Heim ?

C. General. — Então está dito ?

M. de Souza. — E' que....

C. Branco. — Com licença.... Vou pôr tudo em pratos limpos !

Gabriella. — Sim, é preciso que se saiba que....

C. General. — Deixem-se disso ! nada de agradecimentos ! Estamos de accordo !

C. Branco, Gabriella e M. de Souza. — Sim....

C. General. — Preparem-se, enquanto vou dispor tudo para a nossa partida. (a C. Branco) Morgado, acompanhe também sua filha a Porto-Alegre. (a M. de Souza) Quanto a vossa mercê...

Carlos. — Ah ! vamos preparar-nos também...

C. General. — Tu não... Para que has-de ir, Carlitos ? Fica, fica... Lembra-te de teu rheumatismo...

Gabriella e C. Branco (aparte). — Pois elle fica?...

C. General (a Gabriella). — Vão... vão...

C. Branco (levando a filha). — Sim, senhor capitão-general. Vamos, rapariga !

Gabriella. — Ah ! papae, em que ha-de dar tudo isto?... (Sahe)

C. General (a M. de Souza). — Não me demoro nada. (Sahe)

SCENA XV

MANOEL DE SOUZA e CARLOS

Manoel de Souza. — Então, então ? Agora, que estamos sós, é preciso que me expliques...

Carlos. — Não tenho tempo agora. Os acontecimentos precipitam-se... Não receis cousa alguma. Tudo se ha-de arranjar !

M. de Souza. — Mas Gertrudes, minha mulher, minha verdadeira mulher?...

Carlos. — Ora adeus ! Está longe....

M. de Souza. — Longe.... Isso é o que não sabemos.

SCENA XVI

Os mesmos e GERTRUDES

Gertrudes (entrando, consigo). — Ah ! sinto-me mais forte agora. Não ha duvida. O velhaco do meu marido cá não está. Andei por todos os quartos. Remechi armarios, gavetas, prateleiras... (Vendo M. de Souza) Ah!...

M. de Souza (dando um salto). — Ah ! minha mulher !

Gertrudes (agitando a chibata). — Aqui !

M. de Souza (hesitando). — Pois que ! E's tu, minha boa amiga ?

Gertrudes (no mesmo). — Aqui ! Não ouve?...

M. de Souza. — Aqui me tens, aqui me tens ! (Aproximando-se timidamente) Como tens passado, Gertrudinhas ? Bem?...

Gertrudes (no mesmo.) — Manoel de Souza, ha dous dias que ando á tua procura!

M. de Souza (recuando.) — Eu tambem tenho andado á tua procura....

Gertrudes. — Mentos!

M. de Souza (recuando.) — Olha, pergunta aqui ao Carlos... Elle que te diga... (*Mudando de tom e com volubilidade*) Tenho o prazer de apresentar-te o meu amigo monsiú Carlos. (*Empurrando-o para sua frente*) Elle que te diga... Não é assim, Carlos?

Carlos. — E'...

Gertrudes (com força.) — Não é!

Carlos (espantado.) — Olé! Olé! (*A parte*) Que mulherzinha!

M. de Souza. — Juro-te, juro-te, Gertrudinhas! Olha, estou tão satisfeito por te tornar a ver...

Gertrudes. — Você sente o que está a dizer?

M. de Souza. — Oh! si sinto!

Carlos. — Oh! si sentimos!

Gertrudes. — Manoel, quem me dera poder acreditar-o!

M. de Souza (querendo tirar-lhe a chibata.) — Olha, põe isto de parte....

Gertrudes (repellindo.) — Não! (*Com calma*) Manoel?

M. de Souza. — Gertrudinhas!

Gertrudes. — Você não me enganou?

M. de Souza. — Não, coração!

Gertrudes. — Ah! (*Abre-lhe os braços.*)

M. de Souza. — Gertrudinhas!

Gertrudes. — Manoel! (*Abraçam-se.*)

M. de Souza. — Olha, põe isto de parte....

Gertrudes (severa.) — Não! (*Com calma*) Manoel?

M. de Souza. — Gertrudinhas!

Gertrudes. — Nunca mais havemos de nos separar!

M. de Souza. — Nunca mais!

Gertrudes. — ca mais!

M. de Souza (baixo a Carlos.) — Bellissima situação!

Carlos (o mesmo a M. de Souza.) — Sê prudente, e deixa o resto por minha conta. (*Gritos de—Viva o capitão-general.*)

SCENA XVII

Os mesmos, POVO, o CAPITÃO-GENERAL, depois GABRIELLA e CASTELLO-BRANCO, depois THEOBALDO

FINAL

Coro

A correr bem presurosos,
neste dia festival,
nós bradamos jubilosos:
Viva o capitão-general! (*Bis*)

C. General

Ah! para um capitão-general,
é bom gozar de popularidade!
Tende para comigo essa bondade,
ó filhos do Brasil e Portugal!

Coro

A correr, etc.

(*Durante o côro entram C. Branco e sua filha*)

C. General (a M. de Souza)

Já prompto está?

(A C. Branco e Gabriella)

Pomptos estão?

M. de Souza (atrapalhado)

Mas, senhor... (*A parte*) Ai! que afflicção!

C. General

P'ra Porto-Alegre vou, e digo:
o senhor me acompanhará!

Gertrudes (admirada)

Pr'a lá!

C. General

E irá
com sua esposa, amigo.

Gabriella (*aparte, com tristeza*)
Commigo!

Gertrudes (*aparte, com alegria*)
Commigo!

CONCERTANTE

C. General

Pasmados de surpresa
a todos vendo estou!
Este anjo de belleza
por pouco não chorou!
Que vida folgada
— não ha mais que ver —
embora casada
com ella vou ter!

Todos

Eu confundido estou!...

Carlos, C. Branco e M. de Souza

Gabriella

De terror, de surpresa
a morrer quasi estou!
Ha que ver, com certeza
no que aqui ver vou!
Com esta embrulhada,
das duas—é ver—
à força levada
qual é que ha de ser!

De terror, de surpresa,
a morrer quasi estou!
O' que grande affouteza
eu ver agora vou!
Com esta embrulhada,
não ha mais que ver:
à força levada,
à força vou ser!

Gertrudes

Com elle levada,
que vida vou ter!
Que vida folgada!
Não ha que dizer!
Mui considerada
agora vou ser!

(O capitão-general sobe ao fundo para dar ordens)

Gertrudes (*a M. de Souza*)

Com gentileza
agradecer vou já
um favor de tal natureza...

M. de Souza (*vivamente*)

Não! não! agradecer não vá!

Gabriella (*a Carlos*)

Esta fineza
eu recusar vou já,
mas com toda a delicadeza.

Carlos (*vivamente*)

Não! não! oh! recusar não vá!

C. Branco

Que grande massada!

Carlos

Que grande embrulhada!

M. de Souza

Oh! que trapalhada?

Os tres

Com ambos casada
como é que ha de ser!

Repetição do concertante

De terror, etc.

Theobaldo (*apparecendo ao fundo*)

Vossa carreta prompta está!

Gertrudes

Vamos embora já e já!

C. General

Meus senhores e senhora,
não póde haver demora!
(*A M. de Souza*) Senhor, quando quizer...

M. de Souza (*a Carlos*)

Está tudo perdido!

Carlos

Toma sentido !

M. de Souza (a Carlos)

E minha mulher ?

Carlos

Não faças ruido !
Eu cá sei
o que farei...

C. General

Meus senhores e senhora,
já, já nos vamos sem demora
embora !
Não mais esperarei !

Coro geral

Partamos sem demora !
A correr, etc.

(*Gabriella, o Capitão-General, Castello-Branco e Manoel de Souza sahem pelo fundo*)

Gertrudes (não reparou na sahida do marido, e desespera vendo-se abandonada). — Então ? ! Deixam-me aqui ? ... Manoel ! Ah ! (Desmaia nos braços de Carlos, que a entrega a Bento que entra espavorido. Todos no fundo agitam lenços e chapéus)

ACTO SEGUNDO

Jardim, no palacio do capitão-general. A' direita, primeiro plano, pequeno pavilhão, para o qual se sobe por uma escada dupla. A' esquerda, segundo plano, um banco de marmore, com recosto. Avenida em perspectiva.

SCENA PRIMEIRA

OFFICIAES DE LANCEIROS, SOLDADOS, depois THEOBALDO, depois GABRIELLA, CASTELLO BRANCO e MANOEL DE SOUZA.

INTRODUÇÃO

Côro

Qual é, qual a razão
de sermos convidados
p'r'esta reunião ?
De tal convocação
estamos espantados !
Qual é, qual a razão
desta reunião ?...

Theobaldo (*sahindo do pavilhão*).

Olé ! meus parabens por tal pontualidade !
E' muito natural que ao capitão agrade
o vosso zêlo p'lo serviço militar.

Côro

Mas queira confessar
qual é, qual a razão, etc.

Theobaldo

Vosso silencio agora, amigos meus, reclamo ;
de vossa parte espero um pouco de attenção ;
por isso que vos vou dar communicação
de uma resolução
de nosso illustre amo.

Todos (*gritando*)

Viva o sem rival
capitão-general !

Theobaldo

Bico calado : lá não está....

Todos (*reprimindo o enthusiasmo*)

Bico calado : não está lá....

Theobaldo

Pscio, pscio !

Eu principio.

(*Abre uma folha de papel e lê.*)

« Nós, capitão-general nesta cidade de Porto-Alegre, por sua magestade fidelissima, a quem Deus guarde, fazemos saber a todos os officiaes e mais funcionarios residentes em nosso palacio, que nesta data havemos por bem nomear Manoel de Souza capitão do regimento de lanceiros, e D. Gabriella, sua mulher, nossa leitora.»

Todos (*gritando*)

Viva o sem rival
capitão-general !

Theobaldo

Bico calado : lá não está....

Todos (*como acima*)

Bico calado : não está lá...

Theobaldo

Em breve os novos nomeados
vereis aqui chegar, amigos meus ;
eu lhes vou dar os tit'los seus,
para poderem ser empossados.
De vós nenhum
convém deixar de fazer zum-zum.

Todos

De fazer um
zum-zum
é não deixar de modo algum !

(*Murmurio prolongado, durante o qual entram Gabriella, Castello-Branco e Manoel de Souza, revestidos com os uniformes de seus novos cargos.*)

Gabriella, C. Branco e M. de Souza

Vós com taes
attenções,
captivae
corações.

Todos

Illustres recém-nomeados,
si amigos sois do capitão,
tambem sereis afeiçãoados
aos cavalheiros que cá estão !
Illustres recém-nomeados !

Theobaldo

Agora vou (vós ides vêr,
senhores meus, formosa dama)
sem mais aquella proceder
ao que estabelece o programma.

(*A Gabriella*)

De p'r'o meu lado vir faça o favor.

Gabriella

Aqui estou, meu senhor.

Theobaldo

O capitão-general
vos nomeia sua leitora.

Gabriella

Que profissão massadora.

Theobaldo

E' muito especial,
é muito original !

Todos

E' muito original,
é muito especial !

Theobaldo

Ao morgado agora vou
dar um decreto.

C. Branco

Aqui estou.

Theobaldo

Feito está capitão-mór,
que é das honras a maior.

Todos

Feito está capitão-mór,
que é das honras a maior.

C. Branco

O' que bom! Eu vos agradeço!

Theobaldo

A cerimonia recomeço.
Senhor Manoel de Souza,
eu quero dar-lhe alguma cousa.

fazem uma espada, que Theobaldo apresenta a Manoel de Souza)

Theobaldo e Officiaes

Capitão, não supponha
que esta luzente espada
é chanfalho vulgar,
não póde alguém matar.
Ella não envergonha
ninguém, desembainhada:
quem a tiver na mão
dizima um batalhão!

Ella é longa, é pontuda,
e de puro metal!
Espada sem rival
luzente e ponte-aguda!

Todos

Ella é longa, etc.

Theobaldo e Officiaes

No auge da batalha
precisa um bello dia
ver mortos a seus pés
pimpões aos seis, aos dez?

Coute que ella não falha!
Em um segundo enfla
barrigas a valer:
é só — tirar, metter!...

Ella é longa, etc.

Repetição do côro

Illustres recém-nomeados, etc.

(Saem todos, com excepção de Gabriella, Castello-Branco e Manoel de Souza.)

SCENA II

GABRIELLA, CASTELLO-BRANCO e MANOEL DE SOUZA.

Manoel de Souza. — Foram-se?

Gabriella — Sim...

M. de Souza. — Muito bem. Agora, meu caro senhor morgado e minha excellente senhora, a trapalhada fica por vossa conta e risco.

C. Branco. — Como por nossa conta e risco?

Gabriella. — Dar-se-ha o caso que o senhor Manoel de Souza nos queira abandonar?

M. de Souza. — Ha uma hora chegámos, ha uma hora procuro occasião para escafeder-me.

Gabriella. — Mas isso é impossivel!

C. Branco. — Abandonar-nos! Era o que faltava!

Gabriella. — Que havemos nós dizer ao capitão-general, quando não o vir comnosco?

M. de Souza. — E' isso justamente o que fica por vossa conta e risco. Cada um responde por si. Minha mulher com certeza veio ao nosso encalce, e, de um momento para outro, cahe aqui como um raio, bumba! Oh! bem a conheço! E' capaz de deitar abaixo este palacio! Prefiro não esperar pela catastrophe, e despedir-me... Tenho a honra de... *(Dá alguns passos.)*

Gabriella *(pegando-o por um braço)*. — Não, não, não! Não ha de ir assim sem mais nem menos. Ajude-me, papai.

C. Branco. — Sim, rapariga. *(Pegando-o pelo outro braço)* Vossa mercê não se ha de ir embora, senhor Manoel de Souza.

M. de Souza *(lentando livrar-se)*. — Oh! mas isto é uma violencia. Já vos disse que....

C. Branco. — Não se ha de ir embora, senhor Manoel de Souza.

Gabriella.— Não se ha de ir embora, senhor Manoel de Souza!
C. Branco.— Não insistas, rapariga!

SCENA III

Os mesmos e CARLOS.

Carlos (*apparecendo ao fundo*).— O que é isto? O que é isto?...

Todos.— Carlos!

Gabriella (*correndo para elle*).— Ai! o meu queridinho!

Carlos.— Silencio. Podem ouvir-te. Ah! meus amigos, estou morto... morto! Segui-vos toda a viagem a cavallo, á distancia de meia hora!

Gabriella.— Coitado do querido!

C. Branco.— Quer sentar-se? (*Indica-lhe o banco.*)

Carlos.— Não, não, obrigado!

C. Branco.— Melhor! (*Aparte*) Tolo fui eu em lh'o offerecer.

Carlos.— Agora, quero saber em duas palavras de tudo o que se tem passado... O capitão-general...

Gabriella.— Logo que desceu da carreta, entregou-nos ao ajudante de ordens e ordenou-lhe que nos apresentasse a todo o estado-maior.

C. Branco.— Estamos no maior estado de satisfação; o capitão-general confundio-nos com dignidades! A rapariga está feita leitora.

Carlos.— Leitora? Que diabo de dignidade é essa?

C. Branco.— Alli o senhor Manoel de Souza é capitão de lanceiros, e eu capitão-mór não sei de onde.

Carlos.— Elle, porém, de nada desconfia...

Gabriella.— Nada...

Carlos (*respirando*).— Ah! sinto-me melhor!

Gabriella.— O que ha é que o senhor Manoel de Souza queria por força ir-se embora!

Carlos.— Ir-se embora!

C. Branco.— E deixar-nos ao Deus dará!

M. de Souza.— Meu amigo, tu sabes: eu tenho muita pressa... Além disso tu cá estás; arranja-te como poderes. (*Estendendo-lhe a mão*) Até mais vêr, meu bom Carlos.

Carlos.— E' irrevogavel essa resolução? Queres ir-te embora?

M. de Souza.— Quero ir-me embora!

Carlos.— Seja. (*Estendendo-lhe a mão*).— Até mais vêr, Manoel de Souza.

M. de Souza.— Até mais vêr.

Carlos (*apertando sempre a mão de M. de Souza*).— Mas olha lá... Tu ainda não sabes as consequencias do que vaes fazer. O teu procedimento é... é grave.

M. de Souza (*inquieta*).— Grave?...

Carlos.— De certo! Agora que estás feito capitão, safares-te sem ao menos dizer — Agua vae, é simplesmente commetter o crime de deserção. Expõe-te a acabar teus dias em um aljube.

M. de Souza (*saltando*).— Heim?

Carlos.— Emfim, isso lá é contigo. (*Estendendo-lhe a mão*) Até mais vêr, Manoel de Souza...

Gabriella (*no mesmo*).— Até mais ver, Manoel de Souza!

C. Branco (*a Gabriella*).— Não insistas, rapariga! (*Imitando os outros*) Até mais ver, Manoel de Souza!

M. de Souza.— Deixem-me estar! Não me aborreçam! Então estou obrigado a ficar aqui... E minha mulher?

Carlos.— Não te dê isso cuidado... Tua mulher, por enquanto, não póde deitar agua na fervura.

M. de Souza.— Como assim?

Carlos.— Eis o caso: no momento em que partiste, D. Gertrudes desmaiou nos meus braços. . (*A Manoel de Souza*) Tu não sabes, Manoel de Souza, o que é ter tua mulher nos braços!

M. de Souza.— Como não sei? Ora! Quantas vezes!

Carlos.— Fil-a transportar para um dos quartos da estalagem e mandei procurar um medico... Infelizmente não ha medicos em Viamão... Veio um alveitar.

Todos.— Um alveitar!

Carlos.— Um alveitar, que prometteu-me fazer com que a molestia durasse oito dias, pelo menos...

Gabriella.— E nós? e nós?

C. Branco.— Continuamos a representar esta farça? E' preciso que resolvamos alguma cousa!

Carlos.— Eu sei... mas resolver o que? Emfim, verei, verei... Primeiro que tudo, quero estudar a situação... vêr o capitão-general...

Gabriella.— Elle ahí vem... O melhor seria talvez confessar-lhe tudo.

Carlos.— Confessar-lhe tudo ! Nunca ! Silencio e prudencia !

SCENA IV

Os mesmos e o CAPITÃO-GENERAL

Capitão General.— Sou eu; incommodo-os talvez?

M. de Souza.— Qual incommodar-nos !

Gabriella.— Pelo contrario...

C. Branco.— V. Ex. dá-nos sempre muito prazer...

Carlos.— Não se quer sentar? não se quer sentar?

C. General.— Carlitos! Mas o que é isto? Ficaste no campo, em convalescença, e, apenas chegado, encontro-te aqui!

Carlos.— V. Ex. sabe: o rheumatismo precisa de exercicio. Mas si V. Ex. quizer, volte...

C. General.— Fica. Eu sempre gostei de vér-te a meu lado. Mas permite: deixa-me dar attenção aos noivos. (*A Gabriella*) Então? Está satisfeita?

Gabriella.— Satisfeitissima.

C. Branco.— Senhor capitão-general, estamos todos satisfeitissimos; não é assim, meu genro? (*Vendo que M. de Souza não lhe responde dá-lhe uma cotovelada*) Não é assim, meu genro?

M. de Souza.— Ah! sou eu que... (*Vivamente*) Sim... sim...

Carlos.— E' como V. Ex. vê: estão todos satisfeitissimos. (*Baixo a M. de Souza*) Presta mais attenção, desalmado!

Gabriella.— Satisfeitissimos.

C. Branco.— Não insistas, rapariga!

C. General.— Agora temos que tratar das accommodações da familia.

Gabriella.— De nossa accommodação!

C. General.— Sim. Lembrei-me daquelle pavilhão. E' pequenino, mas ao pintar para uma lua de mel. Uma saleta, um quarto pequenino...

Gabriella.— Oh! papai! um quarto pequenino!...

Carlos.— Como um quarto pequenino! (*Baixo a M. de Souza*) Protesta, protesta, Manoel de Souza!

M. de Souza (*baixo*).— Homem, olha: ha situações que têm suas exigencias...

Carlos (*aparte*).— Velhaco!

C. General (*a Gabriella*).— Então? não me agradece?

Gabriella.— E' que... senhor capitão-general...

C. General.— E' que... o que? Vejamos...

Gabriella.— Um quarto pequenino...

C. General.— E então?

Gabriella.— Preferira dous grandes...

C. Branco.— Muito grandes...

Carlos.— Enormes!!!

Gabriella.— Enormissimos!!!

C. Branco.— Não insistas, rapariga!

C. General.— Esta agora!

Carlos.— Mas é o mesmo... Manoel de Souza acaba de dizer-me que ficará com a saleta, e D. Gabriella tomará conta do quarto pequenino.

C. General.— Como?! Separados?! Já?! E cazou-se esta manhã? Oh! senhor Manoel de Souza!

M. de Souza.— Perdão, senhor capitão-general; mas não sou eu que...

Carlos.— Sim, é um costume de familia!

C. General.— Ah!

Carlos.— E' tradicional nos Manoeis de Souza a separação de feitos.

C. General.— Devéras?...

Carlos.— E o costume tem succedido de pais a filhos!

C. General.— Ah! (*A parte*) E' original! (*A Carlos*) Já estarão frios?

Carlos.— Frios! Não! Calmos, estão calmos...

C. General (*A parte*).— Vai tudo ás mil maravilhas! (*Alto*) Vou dizer ao meu ajudante que se ponha inteiramente ás suas ordens. Até logo.

Todos.— Até logo, senhor capitão-general.

C. General (*aparte, sahindo*).— Vai tudo ás mil maravilhas.

(*Apenas desapparece o capitão-general, Carlos, Gabriella e C. Branco voltam-se para M. de Souza ás gargalhadas.*)

SCENA V

Os mesmos, menos o CAPITÃO-GENERAL

Manoel de Souza (a Carlos).— Fizestel-a bonita. Agora peço-te eu que me digas o que vai aquelle homem pensar a meu respeito.

Carlos.— Pense lá o que quizer. Eis-nos livres do primeiro perigo: estou mais socegado sobre a nossa situação.

M. de Souza.— Como assim?

Gabriella.— Como assim?

C. Branco.— Não insistas, rapariga!

Carlos.— Muito simplesmente. Agora, que o capitão-general engolio a pilula, convém que permaneçamos algum tempo *statu-quo*.

M. de Souza.— Como no *statu-quo*?... Queres então que eu fique sendo marido de tua mulher?

Carlos.— De certo... isto é, oficialmente.

M. de Souza.— Está visto: na salinha. Mas, vem cá, e minha mulher?

Carlos.— E tu a dares com tua mulher! Tua mulher! Confessalhe-hemos tudo, e, logo que haja cá entre nós certa combinação verás que vidinha...

M. de Souza.— Como assim?

C. Branco.— Como assim?

Gabriella.— Como assim?

C. Branco.— Não insistas, rapariga!

Carlos.— Como assim! Como assim! Parece-me que me expõe aqui perfeitamente, apesar de fallar mal o portuguez. Vejamos: Manoel de Souza é teu marido, é certo... Vamos, porém, estabelecer uma distincção: elle não passa de um marido para o mundo de um marido... honorario...

Gabriella.— E d'ahi?...

Carlos.— D'ahi é que elle é teu marido das nove horas da manhã ás dez da noite...

Gabriella.— Mas....

Carlos.— E das dez horas da noite ás nove da manhã cede o lugar ao outro, o verdadeiro, o legitimo...

Gabriella.— Oh!...

M. de Souza.— Tu ficas com o melhor....

Carlos.— Podera!

Gabriella.— Sim; mas ouve cá! Eu preferia ser tua mulher tanto de noite como de dia....

Carlos.— De noite como de dia! Para que, meu amor? Bastanos a noite... Queres tu saber?

GOPLAS

I

Bem vês: de dia, anjo querido,
ha cem mil cousas que arranjar:
nem a mulher, nem o marido,
ocasião têm p'ra conversar.
Emquanto o esposo o tempo gasta
a dirigir negocios mil,
no toucador a esposa casta
faz-se-lhe aos olhos mais gentil.
Para lidar com o deus Cupido
nunca ninguem 'stá de maré
de dia, ó meu anjo querido...

Gabriella

Mas nem sempre assim é...

II

O bom marido e a mulher sua
vão passear desde o arrebol,
pois quem se ama á luz da lua,
bem pôde amar-se á luz do sol.
Do calendario dos casados
tire-se o dia, e me dirão
o que sera dos desgraçados!...
Horas de amor lhes faltarão...
Não sendo assim, eu te affianço,
hei de zangar-me muita vez:
a noite fez-se p'ro descanso...

Carlos

Pas toujours... Tem seus *quês*...

Gabriella (ao pai).— O que diz a isto, papai?

C. Branco.— Eu não digo nada, rapariga: estou por tudo contanto que me deixem ser capitão-mór. E' quanto quero! Assim tenho a propriedade segura.

Gabriella. — Papai não pensa em outra cousa.

C. Branco. — Ora essa ! Eu cá não sou namorado : sou proprietário.

Carlos. — Está dito ! Manoel de Souza está por tudo ! (*Offerecendo o braço a Gabriella*) Vem d'ahi...

M. de Souza. — Onde vaes tu ?

Carlos. — Dar uma volta pelo jardim.

M. de Souza. — Com minha mulher !

Carlos. — Com a minha !

M. de Souza. — Que é minha para o mundo ; de sorte que si elle os encontrar....

Carlos. — Elle quem ?

M. de Souza. — O mundo...

Carlos. — Ora !

M. de Souza. — Ha de suppor....

C. Branco. — Quem ?

M. de Souza. — O mundo...

Carlos. — Ora !

M. de Souza. — Ha de suppor que sou algum...

Carlos (*dando o braço a Gabriella*). — Deixa-o suppor. Tens a consciencia tranquilla... é quanto te basta.

Gabriella. — E' quanto lhe basta, senhor Manoel de Souza. (*Carlos e Gabriella sahem a rir.*)

C. Branco (*balendo-lhe no hombro*). — A consciencia... tudo !

M. de Souza. — Não insista, senhor morgado !

C. Branco (*rindo*). — Ah ! ah ! ah ! Pobre Manoel de Souza ! (*Sahem pelo lado opposto áquelle por onde sahiram Carlos e Gabriella.*)

SCENA VI

MANOEL DE SOUZA e depois GERTRUDES

Manoel de Souza (*só*). — Ainda em cima zombam de mim... lágrimosos ! Mas enfim, elles não sabem o perigo que todos corremos ! Gertrudes ainda não se pronunciou em tudo isto, e quando se pronunciar, bumba ! Lá se vai tudo quanto Martha... (*Neste momento Gertrudes que appareceu ao fundo tem-se aproximado da-lhe uma chibatada nas pernas*) Ah ! Gertrudes !... Pronunciou-se !

Gertrudes (*atira fóra a chibata e cruza os braços*). — Monstro !

M. de Souza. — Minha querida amiga....

Gertrudes. — Cão !

M. de Souza. — Minha amiga querida...

Gertrudes. — Cachorro !

M. de Souza. — Queridinha ! (*A parte*) Mau ! desço de cão a cachorro !

Gertrudes. — Saltimbanco !

M. de Souza. — Meu anjo ! (*A parte*) Bem ! Agora subi a homem !

Gertrudes. — Você não me esperava, não é assim ?

M. de Souza. — Oh ! pelo contrario... Quero dizer... eu t'o digo... Estava já um pouco impacientado... Já havia dito com os meus botões : Gertrudinhas não vem ! Gertrudinhas não vem !

Gertrudes. — Barbaro ! Abandonar-me em uma estalagem no campo, safando-se com outra mulher ás minhas barbas !

M. de Souza. — Attende, santinha...

Gertrudes. — Perfido !

DUETTO

Gertrudes

Ah ! tudo isto me exaspera !

M. de Souza

Mas isto o que ?

Gertrudes

Todo o nervoso meu se altera !

M. de Souza

Porem porque ?

Gertrudes

Nós somos todas mil extremos...

M. de Souza

Pois não, pois não !

Gertrudes

Que recompensa recebemos ?

M. de Souza

A ingratidão !

Gertrudes

Emquanto estou no lar querido
a trabalhar, pobre mulher !
— por fóra o bom de meu marido
façanhas faz e quantas quer !
S'tou damnada !

M. de Souza

Vê tu lá !

Gertrudes

S'tou damnada !

M. de Souza

Vê tu lá !

Gertrudes

Damnada ! damnada !
Em minha mão não está !
Zás !

(Dá-lhe uma bofetada)

M. de Souza

Ah !

Gertrudes *(soltando um suspiro de
satisfação)*

Consolada !

(Trocamos os lugares)

Gertrudes

Ai ! que bom bofetão !
Não estava mais em minha mão !

M. de Souza

Meu Deus ! que bofetão !
Porem, amor, não tens razão !

M. de Souza. — Eu vou explicar-te tudo em duas palavras :
não conheço essa mulher...

Gertrudes. — Não a conheces ?

M. de Souza. — Quero dizer : conheço-a sem conhecer. O Carlitos foi que me pediu para... Não vês que o capitão-general...
entendes ?

Gertrudes. — Não !

M. de Souza. — Fui obrigado a dizer que ella é minha mulher ;
mas, no fundo, é de Carlitos.

Gertrudes. — Do Carlitos ?

M. de Souza. — Palavra !

Gertrudes. — Fallas verdade, Manoel de Souza ?

M. de Souza. — Já te dei a minha palavra de honra, Gertrudinhas !

Gertrudes. — Pois bem : seja, acredito ; mas, pelo sim, pelo não, levo-te commigo... Assim estarei mais socegada. Vamos !
passa adiante ; voltemos para casa.

M. de Souza. — Tem paciencia, Gertrudinhas ; mas isso agora
é que fia mais fino...

Gertrudes. — Então você quer levar toda a sua vida aqui ? Fazendo
fosquinhas ás mulheres, não é assim ? Ao diabo da sujeita do retrato, talvez ?

M. de Souza. — Oh ! Gertrudinhas ! Eu todos os dias me retrato do diabo da
sujeita ! E tu a dares ! Não se trata agora disso... Já vejo que não reparaste em mim...
Vê como estou vestido... Olha esta farda, esta espada ! Aqui onde me vês, sou
senhor capitão !

Gertrudes. — Capitão ! E' verdade ! Não tinha feito reparo !
(Aparte, examinando-o) E como lhe fica bem a farda !

M. de Souza. — Já tu vês que não me posso ir embora. Mas
descança : quando não houver serviço, estarei ao teu...

Gertrudes. — Ao meu o que ?

M. de Souza. — Serviço... de manhã, ao meio-dia, á noite,
sempre, sempre, sempre...

Gertrudes *(com ternura)*. — Manoel de Souza !

M. de Souza. — Estão feitas as pazes ?

Gertrudes *(apresentando-lhe a face)*. — Toma ! *(Elle beija-a.)*

M. de Souza, *(aparte)*. — Apre ! Custou...

Gertrudes.— Manoel de Souza, estou muito cansada... Quero descansar... Onde é o meu quarto?

M. de Souza (*aparte*).— Onde diabo ha de ser?

Gertrudes.— Mais um beiginho!...

M. de Souza.— Dous e tres si quizeres. (*Sahem aos beijos pela direita.*)

SCENA V

O CAPITÃO-GENERAL e THEOBALDO

Capitão-General.— Que vejo! Manoel de Souza aos beijos com uma mulher! Já!...

Theobaldo.— O novo capitão está a fazer o seu pé de alferes.

C. General.— Ah! agora comprehendo a frieza de hoje pela manhã. Vamos! Vamos, o momento é favoravel! Theobaldo, vai dizer a D. Gabriella que lhe desejo fallar.

Theobaldo.— Sim, senhor capitão-general. (*Sahe.*)

C. General (*só*).— O que vou praticar é simplesmente uma velhacada. D. Gabriella é linda como os amores; e como o marido é um Manoel de Souza, proponho-me candidato. E' muito engenhoso o meio que pretendo empregar para a conquista. Nomeio-a minha leitora. E' caso virgem semelhante nomeação; mas, ora Deus! porque não póde um capitão-general ter sua leitora? Eu não gosto da leitura; mas é que os livros têm tanta influencia sobre as mulheres, como as mulheres sobre os livros. Hei de mandar pedir para a Europa bons autores. Na minha bibliotheca nada tenho que sirva para o fim que almejo. Encontrei uma colleção de contos italianos, mas italianos! (*Tirando uma enorme folha de papel do bolso*) Escolhi um dos mais divertidos, e traduzi-o para o portuguez... Conseguirei alguma cousa? Ella ahi vem.

SCENA VI

O CAPITÃO-GENERAL e GABRIELLA

Capitão-General.— Approxime-se, minha senhora.

Gabriella.— V. Ex. mandou-me chamar?

C. General.— Tenho necessidade de seus serviços...

Gabriella.— E' que... Eu tomo a liberdade de confessar a V. Ex....

C. General.— O que?

Gabriella.— Eu não gosto da leitura...

C. General.— Tão pouco eu!

Gabriella.— Tem graça.

C. General.— Mas é o mesmo. Havemo-nos de habituar. Então, comecemos... Alli, debaixo daquelle caramanchão... (*Toma-lhe a mão.*)

DUETTO

C. General

Dê-me a sua alva mão...
Sob a folhagem escura,
proceda-me a leitura
lá no caramanchão.
E' bella esta verdura;
a brisa aqui murmura
mellifera canção.

Ai, vamos lá! não tema, não.

Gabriella

Vossa excellencia quer que eu leia
lá, para onde me conduz?
Mande buscar uma candeia,
pois eu não posso lêr sem luz.

C. General

Ai! não me faça cara feia!
O que receia?...

JUNTOS

C. General

Dê-me a sua alva mão, etc.

Gabriella

O' céos! que posição a minha!
Convém ter toda a discrição:
cautela e caldo de gallinha...
Não devo ir p'r'o caramanchão.

(O C. General quer arrastal-a para o caramanchão: Gabriella, com um gesto, designa-lhe o banco de pedra. Elle inclina-se e fal-a sentar-se, conservando-se de pé.)

C. General

Então minha leitora?
Comece a dubadura!
O que vai lêr é bom...

(Dizendo isto, apresenta-lhe a enorme folha de papel escripta.)

Gabriella

Que grande cartapacio !

C. General

E' lêl-o alto e bom som.

Gabriella (*lendo*)

« Um conto de Bocacio. »
Porque, não me dirá ?
em manuscripto está ?

C. General

De um livro bom e bem decente
o traduzi litteralmente.

Verá que sã moral !
que conto original !
Si gostar delle, presto,
apenas em um mez,
eu lhe prometto o resto
verter p'r'o portuguez.
Queira, pois, lêr o conto;
eu para ouvir 'stou prompto.

Gabriella (*lendo*)

« O Rouxinol.

CONTO

I

Lá na Romania, o bom paiz,
era uma vez um cavalheiro ;
tinha uma filha, a historia o diz,
dos corações o captiveiro.
Vai sinão quando um mocetão
apaixonou-se da donzella,
e tanto fez o maganão,
que certa noite a nossa bella,
presa de amor no doce anzol,
disse ao papai com ar tranquillo :
« Canta no bosque o rouxinol,
de perto já quero ir ouvil-o ... »

(*Ergue-se e vai machinalmente deixando cahir o papel que o
C. General toma-lhe das mãos.*)

Ah ! Ah ! Ah !

(*A fastase. O C. General colloca o papel diante de seus olhos.
Ella continúa a lêr como que sem saber o que faz.*)

« Dos bosques entre a sombra,
o rouxinol cantou,
e, sob a verde alfombra,
a bella o escutou... »

JUNTOS

Dos bosques entre a sombra, etc.

(*O C. General apresenta-lhe de novo o papel. Ella hesita um
momento e, afinal, decide-se e continúa a leitura.*)

II

« O pai da moça (valha-o Deus),
como succede em toda a historia,
era sandeu entre os sandeus
e tinha um'alma bem simploria;
eis que, porém, desconfiou.
não sei porque, do passarinho,
e tanto fez, tanto pensou,
que ao bosque foi devagarinho...
A lua tendo por pharol,
descobre o pai um desaforo:
o mavioso rouxinol
tinha um bigode espesso e louro ! »

(*Deixa cahir o papel. O capitão-general ergue-o e guarda-o.*)

Ah ! Ah ! Ah !

Dos bosques entre a sombra, etc.

C. General. — Então, minha encantadora menina ? O que diz
desta historia; não é tão bonita ?

Gabriella (*perturbada*). — Sim... Sim... mas... (*A parte*)
Fez-me medo este hor: em ! (*Alto*) Perdão, senhor capitão-general,
mas não me posso demorar.

C. General. — Pois já ?

Gabriella. — Meu marido está á minha espera (*Comprimen-
tando-o.*) Senhor capitão-general ! (*Dirigindo-se ao pavilhão e
aparte.*) E' muito arriscado semelhante emprego de leitora. Safa !
(*Sahe.*)

SCENA IX

O CAPITÃO-GENERAL, depois CARLOS

Capitão-General (só). — Foi-se.... O conto produziu algum effeito. Vae tudo ás mil maravilhas! (*Vendo Carlos que chega*). Ah! és tu, Carlitos? chegas muito a proposito...

Carlos. — Ainda bem! Em que posso ser util a V. Ex.?

C. General. — Aqui onde me vês estou contente como si me houvessem feito rei! Quero que te aproveite a minha alegria!

Carlos. — De que modo?

C. General. — O que dirias tu, si me esquecesse do passado?

Carlos. — Como?

C. General. — Si te perdoasse?

Carlos. — Si me...

C. General. — Si te dissesse: casa-te, Carlitos, e nada temas.

Carlos (*muito alegre*). — Oh! que coração o de V. Ex.! Muito obrigado, senhor capitão-general! muito obrigado!

C. General. — Só te peço em troca um pequeno serviço...

Carlos. — Um pequeno serviço?

C. General. — Quasi nada. Vaes vêr. (*Tomando-o pelo braço*) Meu amigo, primeiro que tudo, convem saberes de uma circumstancia: eu estou apaixonado!

Carlos. — Ah! sim?

C. General. — Por uma adoravel mulher. Aposto que já adivinhaste quem é?

Carlos. — Não sei quem seja...

C. General. — Pois quem ha de ser sinão a mulher do Manoel de Souza?

Carlos (*aparte*). — Gabriella!

C. General. — Então, não tenho bom gosto?...

Carlos (*attonito*). — Mas, senhor...

C. General. — Não é linda?

Carlos. — Sim... sim... linda... (*Aparte*) Não me faltava mais nada!

C. General. — Quanto ao serviço de que te fallei... aposto tambem que já adivinhaste de que se trata? Conto com o teu auxilio...

Carlos. — Com o meu auxilio?... E é de mim que V. Ex. vem exigir similhante cousa?

C. General. — Então, porque?

Carlos. — De mim... de mim... que sou tão amigo de Manoel de Souza...

C. General. — Pois bem, por isso mesmo... como tens intimidade com a familia, não te custará nada deixar de quando em quando escapar um elogio... Heim? Está dito?

Carlos. — Pelo contrario! Hei de fazer o possivel por frustrar os designios de V. Ex. Ora esta! Manoel de Souza! Um amigo daquella ordem!

C. General. — E eu não era tambem teu amigo?

Carlos (*cahindo em si*). — E' verdade.

C. General. — Já vês que...

Carlos. — Vamos lá! V. Ex. disse aquillo a brincar! Não é capaz de similhante attentado á honra alheia!

C. General. — Com que calor a defendes! Parece que se trata de tua mulher!

Carlos. — Ora! Eu gosto tanto daquelle Manoel de Souza!

C. General. — E eu tambem; mas gosto mais de D. Gabriella. (*Pausa*) Decididamente não me prestas o teu auxilio?

Carlos. — Desculpe V. Ex.; mas, não posso...

C. General. — Pois hem! Olha, ahí vem Manoel de Souza; verás como vou preparar tudo sem o teu auxilio.

SCENA X

Os mesmos e MANOEL DE SOUZA

Capitão-General. — Capitão, vá buscar oito praças...

M. de Souza (*inquieto*). — Heim?

C. General. — E parta com elles para S. Thomé. O capitão-môr requisitou um destacamento de lanceiros contra os indios Guaycurús!

M. de Souza. — Guaycurús!... (*Aparte*) E Gertrudes que vae ficar á minha espera!

Carlos (*inquieto e aparte*). — Quaes serão as suas tenções?

M. de Souza. — V. Ex. ha de permittir que lhe lembre que eu estou designado para commandar a patrulha que tem de rondar o palacio...

C. General. — Não lhe dê isso cuidado... Eu substituí-o-hei... Vá, ande.

M. de Souza. — E Gertudes? Hei de prevenir-a por um bilhetinho. (*Sahe. Começa a anoitecer.*)

C. General (*a Carlos*). — Comprehendes, não? Enquanto o marido é destacado para os Guaycurús, eu...

Carlos. — Basta! basta! Aceito!

C. General. — O que?

Carlos. — Quero auxiliar a V. Ex. (*A parte*) E' o unico meio de impedir....

C. General. — Nada! Tarde piaste... Já te declaraste amigo do homem. E's suspeito.

Carlos. — Portanto...

C. General. — Nada! Além disso, não quero perder o direito que tenho sobre ti.

Carlos. — Mas...

C. General. — O dito por não dito... Façamos de conta que nada houve ainda ha pouco entre nós. Olha: já é noite. Adeus, Carlitos... Boa noite, heim? Muito boa noite. (*Sahe.*)

SCENA XI

CARLOS e depois GABRIELLA

Carlos (*só*). — Bonito! Vejam si ha creatura mais infeliz do que eu! Sabendo que basta que minha mulher seja minha mulher, para que m'a queira roubar o maldito capitão-general, faço-a passar por mulher alheia, e eis que m'a querem roubar da mesma fôrma. Oh! não! não! Mas o que devo fazer? Só ha um meio: a fuga! Consentirá ella? (*Approximando-se do pavilhão*) Gabriella! Gabriella!

Gabriella (*fôra*). — E's tu, Carlitos?

Carlos. — Sim: sou eu. Vem depressa; não tardes!

Gabriella (*entranão*). — Aqui estou.

Carlos. — Deus queira que ella queira! (*Correndo á esposa, que sahe do pavilhão*) Gabriella, tu amas-me, não é assim?

Gabriella. — Porque?

Carlos. — Adoras-me?

Gabriella. — Meu amigo...

Carlos. — A tua adoração por mim não tem limites; hein? Oh! responde, responde! O que te vou propôr, só devemos propôr a quem nos consagra uma adoração sem limites...

Gabriella, (*muito depressa*) — Pois bem, pois bem: a minha adoração por ti não tem limites!

Carlos. — Queres tu fugir commigo?

Gabriella. — Fugir!

Carlos. — Sim! Fugir como salteadores, no meio da noite atravez de mil perigos... Queres?! Oh! não me digas que não queres!

Gabriella. — Si quero! De certo! Uma fuga foi sempre o meu ideal, um rapto o meu sonho doirado!

DUETTO E COPLAS

Carlos

Tu partirás?

Gabriella

Eu partirei.

Carlos

Seguir-me-has?

Gabriella

Seguir-te-hei.

Juntos

Depressa! depressa!
Fujamos, amor,
antes que appareça
qualquer massador.
Quaes negros fugidos
da vil servidão,
vivamos mettidos
no meio do sertão.

Carlos

E' bem longa a viagem!

Gabriella

Com muito gosto irei.

Carlos

Preciso é ter coragem !

Gabriella

Pois bem : eu a terei.

Carlos

E si nos perseguirem ?

Gabriella

Deixal-os perseguir !

Carlos

Meu Deos ! si nos seguirem ?

Gabriella

Não hão de nos seguir.

Juntos

Depressa ! depressa ! etc.

Gabriella

I

Que originalidade !
Quem vê tal evasão,
logo se persuade
que dous amantes são.
De um pai ou de um marido
feroz e destemido
fugindo p'r'o sertão,
provavelmente vão.

Pois bem ! não ha tal : conhecido
que tudo fique é mister :

é uma mulher
que vai fugir com seu marido ;
é um marido
que foge com sua mulher !

Juntos

E' uma mulher, etc.

Gabriella

II

Ninguém achar procure
novidades, porque,
embora cheire ou fure,
de novo nada vê !
Pois neste mundo antigo,
já disse e ora redigo :
E' tudo rocôcô,
qual meu tataravô.

Facto, porém, desconhecido
venha cá vêr quem quizer :
uma mulher, etc.

Juntos

E' uma mulher, etc.

(No fim do duetto tem anoitecido completamente.)

Carlos. — Vamos ; é noite fechada ; não percamos tempo...
Vai preparar tudo para a nossa partida. Entra e espera-me.

Gabriella. — Não te demores !

Carlos. — Em cinco minutos estarei de volta.

Gabriella. — Achar-me-has prompta. *(Entra no pavilhão.
Carlos sahe a correr.)*

SCENA XII

GERTRUDES e depois CARLOS

Gertrudes. — Acabo de receber de Manoel de Souza este bilhete, no qual diz-me : «Minha pomba. Não posso, como te havia promettido, ficar no pombal esta noite. A patria precisa de meu braço. Teu pombo, Manoel de Souza.» Aqui anda maroteira. Ai ! delle, si me engana ! *(Sahe.)*

Carlos *(volta envolvido em uma capa).* — Gabriella estará prompta ? *(A ronda aproxima-se)* Ai ! meu Deus ! é a patrulha ! E é o capitão-general que a commanda ! Occultemo-nos... *(Occulta-se.)*

SCENA XIII

CARLOS, occulto, o CAPITÃO-GENERAL, THEQBALDO e RONDANTES

(O capitão-general conduz a patrulha e traz na mão uma lanterna furta-fogo.)

Côro dos rondantes

Mal começa a noite,
apparece a ronda;
ninguém cá se acoite,
ninguém cá se esconda
Offender a sã moral
que não venha algum pascacio
do capitão-general
no respeitavel palacio,
pois que vai para a prisão
sem mais remissão
nem appellação !

(A ronda percorre o theatro. Ao passar defronte do pavilhão, o capitão-general lança-lhe um olhar significativo.)

SCENA XIV

CARLOS, depois GABRIELLA, depois GERTRUDES

Carlos.— Não percamos tempo. (*Corre ao pavilhão*) Gabriella, Gabriella, estás prompta ?...

Gabriella (*fóra*).— Ah! vou, ah! vou.

Gertrudes (*apparecendo*).— Parece-me que ouvi... Sim; não me engano... Está alli alguém. Oh! aquelle manto! E' elle, é elle!... O que fará alli ?...

Carlos.— Despacha-te.

Gertrudes (*comsigo*).— Com quem falla elle ?...

Gabriella (*sahe do pavilhão embrulhada em um manto, com uma trouxa na mão*) Aqui estou, aqui estou !

Gertrudes.— Uma mulher! E tratou-a por tu ! Oh! vamos rir vamos rir !

Carlos.— Vem ! vem ! (*Dirigem-se para o fundo.*)

Gertrudes (*pondo-se-lhes na frente*).— Um momento...

Carlos e Gabriella (*attonitos*).— Ah !

Gertrudes.— Não me esperavam, não é assim ?

Gabriella.— Mas, senhora...

Carlos.— Silencio ! Silencio !

Gertrudes.— Apanhei-te com a boca na botija !

Gabriella (*querendo fugir*).— Mas...

Gertrudes.— Aqui ninguem passa !

Gabriella (*escapando-se*).— Oh! acharemos meio de escapular !

Gertrudes (*tomando-lhes a passagem*).— Aqui ninguem passa !

Carlos.— Ah ! elle é isso ? (*A tira-lhe a capa sobre a cabeça*) Vem, Gabriella...

Gertrudes (*tentando desembaraçar-se da capa*).— Aqui d'el-rei ! Socorro ! Aqui d'el-rei !

C. General (*fóra*).— Que bulha é esta ?...

Carlos.— Ah! vem a patrulha ! Estamos perdidos !

SCENA XV

Os mesmos, CAPITÃO-GENERAL, THEOBALDO e RONDANTES

Capitão-general.— O que ha ? o que ha ?...

Gertrudes.— O que ha, senhor capitão-general? Um escandalo, um escandalo inaudito ! Este senhor ia a fugir com esta senhora ! (*Chorando*) Monstro ! Mal empregado tanto amor !

C. General.— Vejamos ! (*Allumiando o rosto de Carlos com a lanterna*) Carlitos ! (*Vendo Gabriella*) Ella !...

Todos.— Heim ? !

Gertrudes (*estupefacta*).— Não era Manoel de Souza ! (*A Carlos*) Ah ! senhor, peço-lhe mil perdões : foi um erro involuntario...

Carlos.— Vá para o diabo !

C. General.— Ah ! tu querias fugir com a mulher de um amigo daquella ordem !

Carlos.— Senhor...

Gabriella.— Deixe dizer-lhe, senhor capitão-general : este senhor me havia simplesmente offerecido o braço para darmos uma volta pelo jardim...

C. General.— Assim vestidos ! a estas horas... e com uma trouxa !... (*Gabriella lança fóra a trouxa com despeito*) Bem ! Bem ! (*Baixo a Carlos*) Por isso é que ainda ha pouco a defendias com tanto calor ! Querias guardal-a para ti. Muito bem ! Deixa estar que eu te ensinarei...

Carlos.— Oh !

C. General.— Theobaldo !

Theobaldo.— Prompto !

C. General.— Manda tocar a rebate !...

Theobaldo.— Sim, senhor capitão-general...

Carlos.— O que vai fazer V. Ex?

C. General.—Prevenir o marido... Elle é que me ha de vingar.

Todos.— O marido !... (*Toques de cornetas e tambores.*)

SCENA XVI

Os mesmos, MANOEL DE SOUZA, CASTELLO-BRANCO, OFFICIAES
DE LANCEIROS e LANCEIROS

FINAL

Theobaldo e rondantes

Alerta! Alerta! Alerta!

officiaes e M. de Souza, (apparecendo de todos os lados)

Porque se me desperta?...
Estou de boca aberta !...

(A scena illumina-se.)

C. General (*a M. de Souza*)

Espada em punho, capitão !

M. de Souza (desembainhando a espada)

Cá está !

C. General

Sem mais hesitação
espete este sujeilo !

As mulheres

O' céos !

M. de Souza

Carlitos !

Carlos

Eu não !

C. General

Espetar ! espetar ! espetar
e despachar !

Todos

Espetar! espetar! espetar
e despachar!

Carlos (*desembainhando a espada*)

Espetar-me! Não é má!

M. de Souza

Olé! Armado está!

C. General (a M. de Souza)

E' mais leal ! Vá ! Dito e feito !
Stá contrafeito ? ..

Gertrudes (a M. de Souza)

Não, não ! Tu não te baterás !

M. de Souza

Não, não! Eu não me baterei!

Gabriella (*a Carlos*)

Não, não! Tu não bater-te-has!

Carlos

Não, não ! Eu não fraquejarei !

Juntos

Não, não ! Tu { não } bater-te-has.
Eu { } te baterás.
 me baterei.
 fraquejarei.

M. de Souza (com energia)

Não, não ! Eu não me baterei !...

C. General

Saiba que aquelle machacaz,
senhor Manoel de Souza,
raptava sua esposa!

M. de Souza

Raptava minha esposa !...

Todos

Que cousa !...
Espetar ! espetar ! espetar
e despachar !

M. de Souza

Ouçam lá !
Vou tudo pôr
em pratos limpos.

Carlos (a parte)

Traidor !

M. de Souza (apontando para Gabriella.)

Eu marido não sou desta senhora,
mas sim da que lá está ! (*Apontando
para Gertrudes.*)

Coro

Ah !

Gertrudes (apontando para M. de Souza)
Eis meu marido !

Gabriella (apontando para Carlos)

Eis meu marido !

Todos

Que trocas
baldrocas !

C. General

Ah ! Ah ! Ah ! Ah !
O moço é casado !
Ah ! Ah ! Ah ! Ah !
Que caso engraçado !

Coro

Olaré !
olaré !
O moço é casado !
Olaré !
olaré !
Que caso engraçado !
Casadinho o moço é !
O' que papel desgraçado
fazer vae, olé !...

C. General (a Carlos)

Então, querias me enganar ?
Carlitos, has de me pagar...

Carlos

Oh ! senhor, minha desventura
está em vossa mão !
Ella é tão tímida, tão pura...
Ai ! tende compaixão !

Carlos e Gabriella

Sim, compaixão !

C. General

Verei... verei...

Carlos e Gabriella

Sim, compaixão !

C. General

Terei... terei...

Coro (às gargalhadas)

Ah ! Ah ! Ah ! Ah ! Ah ! Ah !...
Olaré !
olaré ! etc.

C. General (a Carlos)

Mais tarde pensaremos na vingança ;
agora não ; como eu te prometti,
vae entre nós haver aqui
muito prazer, muita folgança...

(A' meia voz)

Um dia, olé ! te casarás,
muito m'hei de rir ; tu verás...

Carlos

Mas, senhor...

C. General

Tu verás...

(Aos officiaes)

A' f'licidade conjugal
vamos beber deste casal !

Gabriella (a Carlos)

Fazias tanto espanto...
tanto... tanto...
O capitão
é até bem folgasão !

Carlos

Oh ! muito folgasão !

(Alguns lacaios trazem vasos e taças.)

C. General (de taça em punho)

Bebei do vinho do Porto ;
bebei, porque dá conforto !

Todos

Bebei do vinho do Porto, etc.

(O Capitão-General offerece uma taça a Gabriella)

CANÇÃO

Gabriella

I

Dizia um meu tataravô
que o casorio
é um regatorio
que nunca lhe desagradou ;
os meus bisnetos,
tataranetos
hão de casar, bem certa estou.
Meus folgasões !
das libações

o momento já se avizinha !
Bebei ! bebei !
cantae ! dizei !
Viva a formosa noivasinha !

Todos (menos Carlos)

Viva a formosa noivasinha !

C. General (a Carlos, declamando). — Então tu, Carlitos?

Carlos (contrariado)

Viva a formosa noivasinha !

C. General (arremedando-o)

Viva a formosa noivasinha !

Theobaldo, M. de Souza e Gertrudes (simultaneamente)

Viva a formosa noivasinha !

Gabriella

Olé ! tirolé ! lé !
E' bom bom bom bom bom !
O casamento, olé !
o casamento é bom !

Coro

Olé ! tirolé ! lé ! etc.

Gabriella

II

Dizem que a vida conjugal
— é encantadora,
— é massadora ;
é mel e fel — regra geral !
Eu tenho dito
e hoje repito
que lhe não vejo nenhum mal !
Meus folgasões !
das libações
o momento já se avizinha !

Bebei, bebei,
cantae, dizei:
Viva a formosa noivasinha!

Todos (*menos Carlos*)

Viva a formosa noivasinha!

C. General (*a Carlos, declamando*). — Então não bebes! não cantas? O que tens, meu amigo?

Carlos (*contrariado*)

Viva a formosa noivasinha!

C. General (*arremedando-o*)

Viva a formosa noivasinha!

Theobaldo, M. de Souza e Gertrudes (*simultaneamente*)

Viva a formosa noivasinha!

Coro

Olé tirolé lê!
E' bom bom bom bom bom!
O casamento, olé!
o casamento é bom!

ACTO TERCEIRO

Varanda, occupando os dous ou tres primeiros planos do theatro, e separada ao fundo por ligeiras columnas de um terraço donde se vê o panorama da cidade de Porto-Alegre. Portas á direita e á esquerda.

SCENA PRIMEIRA

MANOEL DE SOUZA e SOLDADOS

(Ao erguer do panno, desponta a aurora. Os soldados estão deitados na varanda e no terraço, em posições diversas. M. de Souza resomna em uma cadeira collocada contra a porta da direita. No fundo vela um soldado. Musica na orchestra, acompanhada pelo resomnar dos que dormem. Ouve-se, ao longe, rufar o tambor. Alguns soldados levantam a cabeça.)

INTRODUÇÃO

Côro

Plan! rataplan!
Do regimento é o tambor!
Já nos desperta o massador!
Plan! rataplan!
E' cara ter de o não ouvir
e que se dorme é já fingir.
Plan! rataplan!

(Tornam a deitar-se e desatam de novo a resomnar. Novo rufo.)

M. de Souza (*acordando*)

Plan! rataplan!
Alerta! Alerta!
E' o tambor que nos desperta....

(Erguem-se todos. Os tambores entram em scena precedidos de um tambor-mór. Pleno dia.)

Côro geral

Rataplan! rataplan!
E' o tambor!
Que massador!

(No fim do côro, estão todos alinhados á boca da scena.)

Manoel de Souza (*esfregando os olhos e espreguiçando-se*).— Brr! Está fresco, está. Fiz mal em dormir. Façamos a reacção! (*Começa a percorrer velozmente a scena. Para em frente aos soldados e brada em voz de commando*) Hombro armas! Apresentar armas! Isso... Desmanchar fileiras!... (*Ninguém se mexe*) Desmanchar fileiras! (*Ninguém se mexe. Manoel de Souza tira o chapéu e diz com toda a cortezia*) Os senhores fazem-me o especial obsequio de desmanchar fileiras?...

Todos.— Am... (*Dispersam-se.*)

M. de Souza.— Heim? Que disciplina! Como obedecem! E' porque eu cá não lhes dou confiança! Não vê! Elles já me conhecem!

1º Soldado (*aproximando-se de M. de Souza e apoiando-se-lhe no hombro*).— Diga-me cá, ó capitão.

2º Soldado (*fazendo o mesmo do outro lado*).— O' capitão, diga-me cá.

M. de Souza.— Então! que liberdade é esta?! (*Olhando a sorrir para elles*) Vocês são uns grandissimos velhacos!

1º Soldado.— O' capitão, faça o favor de dizer-nos por que motivo ficámos aqui de guarda durante toda a noite.

M. de Souza.— O que vocês querem sei eu: desejam saber por que razão o capitão-general, depois de haver bebido hontem á saude do francezito e de sua cara metade, separou-os, a cada um em seu quarto... E' isso ou não é?

Todos.— Sim, sim!

M. de Souza.— E nos ordenou que guardassemos as portas dos ditos quartos até nova ordem?

2º Soldado.— E' isso mesmo.

M. de Souza.— E' isso que vocês querem saber?

Todos.— Sim!

M. de Souza.— Ora! a razão é muito simples...

Todos (*esperançosos*).— Ah!

M. de Souza.— A razão sei eu...

Todos (*o mesmo*).— Ah!

M. de Souza.— Mas vocês é que não hão de saber...

Todos (*com despeito*).— Oh!

M. de Souza.— Vocês são muito novos ainda...

1º Soldado.— Ora, meu capitãozinho, diga-nos...

Todos.— Capitão, capitãozinho! (*Cercam-no.*)

M. de Souza.— Andem lá! Vocês são os meus peccados! Pois bem! Vá lá! Vou dizer-lhes tudo: ouviram? (*Toma um soldado em cada braço, e dá alguns passos, como que dispondo-se a entabolar conversação com elles*) Meus amigos, meus bons amigos, meus excellentes companheiros d'armas, saibam todos que o Monsiú Carlos...

SCENA II

Os mesmos e GERTRUDES

Gertrudes (*fóra*).— Obrigado! Não é preciso! Eu mesmo vou ter com elle...

M. de Souza (*desembaraçando-se dos dous soldados*).— Depressa! Cerrar fileiras! (*Enfileiram-se*) Sentido! Hombro armas! Apresentar armas!

Gertrudes (*que entra com um pequeno cesto debaixo do braço, contemplando-o*).— Como elle é bonito a commandar! (*Indo a elle*) Manoel de Souza!

M. de Souza.— Gertrudinhas! Estavas ahi?

Gertrudes.— Sim, Manoel. Como sabes lidar com esta gente! Quem foi que te ensinou estas manobras?...

M. de Souza.— Isto é instincto: eu tenho a bossa das armas... (*A parte*) Sou muito bossal... sou... (*Alto*) Além disso não dou confiança a esta gente. Vê tu lá que disciplina! Faz gosto, heim, Gertrudinhas?... (*Voltando-se, vê que estão todos debandados*) Então?... Cerrar fileiras!... (*Ninguém se mexe*) Cerrar fileiras!... (*Com cortezia*) Meus senhores, fazem-me o especial obsequio de cerrar fileiras?... (*Enfileiram-se*) Estás vendo? E agora... Meia volta á esquerda... não! quero dizer á direita... á... Ora! meia volta á direita ou onde muito bem quizerem. Volver! Ordinario marche! (*Desfilada; passo redobrado. Os soldados sahem depois de haverem desfilado.*)

M. de Souza (*Ao fundo, satisfeito, vendo-os sahir*).— Isto é que é vida! isto é que é vida!

Gertrudes.— Aqui te trago o almoço.

M. de Souza.— Quem o traga sou eu. (*Gertrudes tira do cesto um bolo e uma pequena cafeteira*) Quanto és boa, Gertrudinhas!

Gertrudes.— Toma, bebe...

M. de Souza (*comendo*).— Estou te desconhecendo, Gertrudinhas! Essa ternura não é natural em ti... Aposto que me queres pedir alguma cousa?

Gertrudes.— Apostas muito bem...

M. de Souza.—Ah! eu cá sou muito perspicaz! Vamos lá! O que temos?

Gertrudes.—Manoel de Souza, quero voltar para a estância contigo... Faz idéa como andará aquillo, entregue, como está, em mãos alheias.

M. de Souza.—Homem! já não me lembrava que, antes de ser capitão, era estancieiro!

Gertrudes.—Além disso, tu aqui corres muito risco...

M. de Souza.—Eu?...

Gertrudes.—Sim. Tu és um rapaz bonito... (*Manoel vai protestar. Gertrudes grita*). Não me digas o contrario! E's um bonito rapaz... Em Porto-Alegre as mulheres dão o beicinho pelos militares... Emfim, Manoel de Souza, tenho medo... tenho medo...

M. de Souza.—Ora o que te havia de lembrar!?

Gertrudes.—Não fiques, sim?

M. de Souza.—Mas...

Gertrudes.—Recusas! Tens então motivos para...

M. de Souza.—Pois, Gertrudinhas, queres que eu parta a minha espada?

Gertrudes.—Preferes partir-me o coração?

M. de Souza.—Pois bem! parto.

Gertrudes.—Partes-me o coração?

M. de Souza.—Não! Parto, isto é, vou-me embora!

Gertrudes.—Oh! ainda bem!

M. de Souza.—Mas olha que isto tem as suas formalidades, heim? Eu não posso arredar pé d'aqui sem licença do capitão-general.

Gertrudes.—Hei de pedir-lhe a tua baixa; expôr-lhe-hei as minhas razões. Anda d'ahi.

M. de Souza.—Qual anda d'ahi nem meio anda d'ahi! Eu não posso arredar-me...

Gertrudes.—De que?

M. de Souza.—De que, meu anjo? da guarda! E o meu dever de soldado? Pois não sabes que estou de serviço? (*Poe-se a percorrer a scena*).

Gertrudes.—Mas...

M. de Souza.—Passe de largo!

Gertrudes.—Meu Deus! que rigor! (*Pausa. Manoel percorre a scena. Gertrudes poe-se a imital-o subindo quando elle desce.*

e vice-versa). E' verdade... Ainda alli está mettida aquella pobre moça... E quando me lembro de que sou eu o culpado...

M. de Souza.—Si não fosses tão ciumenta...

Gertrudes.—Pobrezinha! Como deve ter soffrido! Para nós, mulheres, o amor é o soffrimento.

M. de Souza.—Bravo! Gostei! Continue! (*A parte*). Dá-lhe às vezes para isto!

SCENA III

Os mesmos e CASTELLO BRANCO

Castello Branco (*entrando*).—Minha filha! Onde está a rapariga?... (*A M. de Souza*). E' alli o seu aposento, senhor capitão?

M. de Souza.—Sim, mas não póde entrar, senhor morgado.

C. Branco.—Chame-me antes capitão-mor.

M. de Souza (*emendando*).—Senhor capitão-mór.

C. Branco.—Homem! A's nove horas! Emfim! Ora imaginem que hontem, no momento em que todos se retiravam, achamo-nos separados, não sei como, nem como não... Eu queria despedir-me della, pois pretendia partir hoje muito cedo... Soceguei, porque, emfim, a rapariga estava sob a salvaguarda de seu marido!

Gertrudes e M. de Souza.—Heim? Elle não sabe de nada!

C. Branco.—Agora, porém, já são mais que horas de... (*Chamando*). Gabriella? O' rapariga, olha que são horas!

M. de Souza.—Silencio! Passe de largo!

Gabriella (*fóra*).—Ah! papae!... papae... Abra!

C. Branco.—Como?!

Gabriella (*fóra*).—Estou aqui fechada!

C. Branco.—Fechada! A rapariga fechada!...

M. de Souza.—Sim, senhor morgado...

C. Branco.—Chame-me antes capitão-mór.

M. de Souza.—Sim, senhor capitão-mór. (*Baixo*). E sósinha...

C. Branco.—Sósinha! Esta agora! E o marido?

M. de Souza.—Ah! O marido anda por outra freguezia.

C. Branco.—Como por outra freguezia?...

Gertrudes.—O marido passou a noite em outro quarto.

C. Branco.—Heim?...

Gertrudes.—O capitão-general foi que assim quiz!

C. Branco. — O capitão-general ?!

Gabriella (*fora*). — Papae !

C. Branco. — Já vou, já vou ! Não insistas, rapariga ! (*A M. de Souza*) Então solta-se ou não a pequena ?

Gertrudes. — Aquillo corta o coração... Vou abrir a porta...

M. de Souza. — Mas é que.....

Gertrudes. — Ora ! Si está preso o marido, que inconveniente pôde haver em soltar a mulher ? (*Abrindo a porta da direita*) Vamos... saia... (*Gabriella sahe triste e com os olhos pisados*).

SCENA IV

Os mesmos e GABRIELLA

Castello Branco. — Minha filha !

Gabriella. — Ah ! papae, papae ! Eu sou muito caipora !

C. Branco. — Então o que ha ?...

Gabriella. — Si papae soubesse... Ora ouça.

QUARTETTO

Gabriella

Naquelle quarto entrei sósinha,
suppondo que lá fosse ter
o meu amor logo à noitinha,
porque assim costuma ser.

Gertrudes

Costuma ser...

C. Branco e M. de Souza

Costuma ser...

Gabriella

O pranto meu correu a fios,
por semelhante ingratidão...

Gertrudes

Ella ficou a ver navios...
Que decepção !

C. Branco e M. de Souza

Que decepção !

Gabriella

A hora passou...

Gertrudes

A hora passou...

Gabriella

E meu amor não se chegou !

Gertrudes

E seu amor não se chegou !

Gabriella

Ah ! não tem geito !

Juntos

Ah ! é mal feito !
Não faz-se isto a ninguém !
Ah ! não tem geito !
Qual geito ! qual geito !
Qual ! Geito não tem !

Gabriella

Cansada, emfim, de ver navios,
não tendo com que me entreter,
de um sofá nos coxins macios
eu procurei adormecer.

Gertrudes

Adormecer...

C. Branco e M. de Souza

Adormecer...

Gabriella

Na minha funda magoa immersa,
o somno meu fugir eu vi.

Gertrudes (*a M. de Souza*)

Heim? foi por causa bem diversa
que eu não dormi...

M. de Souza

Que eu não dormi...

Gabriella

A hora passou, etc.

C. Branco.— Vamos, vamos! Não te afflijas tanto! Teu marido
é impossível que esteja perdido! Havemos de achá-lo!

Gabriella.— Confundil-o!

C. Branco.— Reprehendel-o!

Gabriella.— Reprehendel-o!

C. Branco.— Não insistas, rapariga! Vem, vem commigo!
Pobre pequena! é mesmo muito caipora!

Gabriella.— Muito....

C. Branco.— Não insistas..... (*Sahem.*)

SCENA V

GERTRUDES, MANOEL DE SOUZA, depois o CAPITÃO-GENERAL
e THEOBALDO

Gertrudes.— Veja, Manoel de Souza! Mire-se naquella espelho!
Aquillo sim; aquillo é que se chama amor, affeição, dedicação,
resolução....

M. de Souza.— É tudo que acaba em ão.

Gertrudes.— Você era lá capaz de andar â minha procura,
se me houvesse perdido?

M. de Souza.— Ora, pois julgas... (*A parte*) Seria preciso que
houvesse perdido também o juizo!

C. General (*entra seguido por Theobaldo que traz uma ruma
de livros*).— Deita tudo isto cá, Theobaldo...

Theobaldo.— Sim, senhor capitão-general (*Depõe os livros e
sahe.*)

SCENA VI

Os mesmos, menos THEOBALDO, depois CARLOS

Manoel de Souza.— O capitão-general... (*Encaminha-se para
elle e comprimenta*). Senhor...

C. General.— Viva! viva! Traga-me cá o Carlitos.

M. de Souza.— E' já...

Gertrudes (*baixo a Manoel*).— Boa occasião para pedir-lhe a
tua baixa. (*Indo ao capitão*). Preciso muito fallar a V. Ex...

C. General (*preoccupado*).— Mais tarde...

Gertrudes.— A respeito de meu marido...

C. General.— Não tenho tempo agora...

Gertrudes (*seguindo-o*).— Elle anda doente, e este serviço
continuado...

C. General.— Já lhe fiz vêr que não tenho tempo agora...
(*A M. de Souza*). Vá buscar o homem!

Gertrudes (*aparte*).— Fica para outra vez... (*M. de Souza
abre a porta da esquerda.*)

Carlos (*sahindo a M. de Souza*).— Ah! meu amigo, o que se tem
passado aqui? Onde está minha mulher? O que me contas de
novo?...

M. de Souza.— Cala-te! Olha o capitão-general!

Carlos.— Oh!...

C. General.— Deixem-nos sós.

Gertrudes (*aparte, sahindo com M. de Souza*).— Fica para
outra vez! (*Sahem.*)

SCENA VII

O CAPITÃO-GENERAL e CARLOS

(*Momento de silencio. O capitão-general, a esfregar as mãos,
passeia em redor de Carlos que o examina inquieto, de soslaio.*)

Capitão-general (*cantarolando*).— Um dia, olé! te casarás!...

Carlos (*aparte*).— Parece estar satisfeito....

C. General (*o mesmo*).— Um dia, olé..... (*Momento de
silencio.*)

Carlos (*aparte*).— Oh! meu Deus! dar-se-ha caso que.....
Eu tremo....

C. General (*parando*). — Bom dia, Carlitos; como passaste a noite?

Carlos. — Mas....

C. General. — Eu passei muito bem, muito bem....

Carlos. — Meu Deus!

C. General. — Está tranquillo.... Não é ainda o que supões!

Carlos (*suspirando*). — Ah!

C. General. — Mas deixa estar, deixa estar.... Isso hade ser um dia... não tenho pressa....

Carlos (*vivamente*). — Nem eu....

C. General. — A' noite passada reflecti maduramente sobre o caso; já tenho o meu plano....

Carlos. — Ah!

C. General. — Vou continuar da mesma maneira que encetei... Vês estes livros?

Carlos. — Sim. Vejo.

C. General. — Tua mulher os lerá um por um, sentada a meu lado....

Carlos. — Todos?!

C. General. — Todos e outros muitos. Minha bibliotheca é immensa! Afinal de contas, terás uma mulher illustrada....

Carlos. — Muito illustrada! Oh! mas como estou prevenido defender-me-hei!

C. General (*arremedando*). — Defender-me-hei!... Tem graça! Pois já não te fiz ver que o meu plano está feito?... Naquelle tempo (lembras-te?) eu não me defendi.... de nada sabia.... Já vês que convem restabelecer o equilibrio. (*Chamando*) Theobaldo! (*Theobaldo apparece*) Vae buscar o capitão Manoel de Souza!

Theobaldo. — Sim, senhor capitão-general. (*Sahe.*)

Carlos. — O que vae V. Ex. fazer?

C. General. — Vaes ver.... Trata-se de restabelecer o equilibrio....

SCENA VIII

Os mesmos, MANOEL DE SOUZA e GERTRUDES

Gertrudes (*correndo, ao C. General*). — V. Ex. mandou-nos chamar? Foi sem duvida para ouvir o que tenho para dizer a V. Ex. E' a cousa mais simples desta vida, senhor capitão-general: meu marido....

C. General. — Não se trata disso....

Gertrudes (*aparte*). — Fica para outra vez.

C. General (*a M. de Souza*). — Capitão, leve este senhor ao pavilhão amarello, onde o guardará á vista até nova ordem.

Carlos. — Preso!

C. General. — Não faças disto um bicho de sete cabeças. Aquillo não é uma prisão, é um ninho. (*A M. de Souza*) Vá!...

M. de Souza. — Mas senhor capitão-general, é que...

C. General. — O que?

M. de Souza. — Minha mulher....

Gertrudes. — Deixa-me fallar! Exm. senhor, eu sou um pouco ciumenta. Meu marido teve um passado tempestuoso!

M. de Souza. — Tu exageras, Gertrudinhas!

Gertrudes. — Cala-te, escalda-favaes!

C. General. — E então?

Gertrudes. — O que mais me incommoda é a historia do retrato. Havia nesta cidade uma sujeita por quem elle andou apaixonado, não duvido que ella ainda esteja em Porto-Alegre....

C. General. — E....?

Gertrudes. — E, para evitar um encontro, quero carregar d'aqui o meu Manoel de Souza! Assim pois, peço a V. Ex. que lhe mande dar baixa...

C. General. — Por enquanto seu marido me faz muita falta. Mais tarde fallaremos.

Gertrudes. — Mas....

C. General. — Basta!

Gertrudes (*aparte*). — Fica para outra vez.

C. General. — Capitão, cumpra as minhas ordens. (*Sahe.*)

M. de Souza. — Sim, senhor. (*Indo a Carlos rindo-se*) Ah! Ah! ah! ah! Pobre Carlos! O caso não é para rir, porque emfim é muito meu amigo, mas.... Ah! ah! ah! não posso... (*A Gertrudes, serio*) E' muito meu amigo!

Gertrudes (*não podendo conter o riso*). — Ah! ah! ah! é muito teu amigo.

Carlos (*despeitado*). — Muito riso, pouco siso....

M. de Souza. — Ah! ah! ah! meu amigo... Dá cá a tua espada. Gertrudinhas, dá-lhe o braço... (*Gritando*) Meia volta á esquerda! Não, não! Como quizerem! Vamos! (*Gertrudes toma um braço e M. de Souza outro e levam Carlos ás gargalhadas*).

SCENA IX

O CAPITÃO-GENERAL, depois GABRIELLA e CASTELLO-BRANCO

Capitão-general (só). — Vae tudo ás mil maravilhas !

Gabriella (apparecendo com o pae). — Venha, papae ! Meu pobre maridinho preso ! Oh ! hão de m'o restituir, olé !

C. General. — Eil-a !

Gabriella. — O capitão ! (Ao pae) Vae ver como lhe fallo !

C. General (aparte). — E' agora ! (Alto) Minha amavel leitora...

Gabriella (ao pae). — Já não me atrevo...

C. Branco. — Anda, desembucha !

Gabriella (timidamente). — Preciso fallar a V. Ex...

C. General. — Já sei o que me vem pedir. E' inutil ! Está preso e preso ficará !

Gabriella. — Oh ! meu pobre maridinho ! Quero-lhe tanto ! E' tão lindo, tão terno, tão generoso... (Mudando de tom) Porque V. Ex. mandou prender ?

C. General. — Porque... porque havia motivos.

Gabriella. — Mas que motivos ?...

C. General. — Isso é que não lhe direi !

Gabriella. — E si eu pedisse a V. Ex. que se esquecesse desses motivos ?

C. General. — E' impossivel !

Gabriella. — Impossivel !

C. Branco (baixo). — Insiste, rapariga, insiste !

Gabriella. — Si supplicasse de mãos postas.....

C. General. — Não ! não !

C. Branco (como acima). — Insiste, rapariga, insiste !

Gabriella. — Meu bom capitão-generalzinho !

C. General (aparte). — Heim ?

Gabriella (com as mãos nos hombros do capitão-general). — Dá-me o meu maridinho, sim ?

C. Branco (collocando-se do outro lado do capitão-general). — Então ? Faça a vontade á rapariga ! (Dá-lhe uma cotovellada. O capitão-general encara-o com severidade) Oh ! perdão !

C. General (a Gabriella). — Não posso, não posso ! Só dando-me... (fitando-a) uma compensação....

Gabriella. — Uma compensação ? Então quer V. Ex. que eu lhe dê uma compensação ?...

C. General. — Sim....

Gabriella. — E' que... (tendo uma idéa) Ah ! achei !

C. General (vivamente). — Deveras ?

Gabriella. — De certo... A tal propriedade de papae, que tira a vista do rio a V. Ex.

C. Branco. — O meu cochicholo !

Gabriella. — Dou-lh'o em troca da liberdade de meu marido.

C. General (desapontado). — Ora !

C. Branco. — Mas o que é lá isso ? O cochicholo ! Não insistas, rapariga !

Gabriella (ao capitão-general). — Então está dito ?

C. General. — O cochicholo... E' que... não digo que...

Gabriella (affagando-o). — Oh ! como eu agradecerei a V. Ex...

C. General (comovido, aparte). — Então ? A pequena não me está enternecendo ? (Alto) Não é essa a compensação que....

Gabriella. — Pois não é essa ?... (Quasi a chorar) Não vejo mais nada...

C. General (levando-a aparte). — Pois bem.... eu quero.... eu que....

Gabriella (fitando-o com simplicidade). — O que ?

C. General (vencido pelo olhar da moça). — Não ! seria um sacrilegio ! E' tão innocente ! (Alto) Nada, nada, minha filha, nada quero (Chamando). O' Theobaldo.

Theobaldo (apparecendo). — Excellentissimo...

C. General. — Mande que ponham o senhor Carlos em liberdade, e tragam-m'o cá !

Gabriella (alegre). — Ah !

C. General. — Vê ? Satisfaço ao seu pedido.... Mas imponho uma condição....

Gabriella. — Qual ?

C. General. — Hade jurar-me que não dirá a seu marido o meio que empregou para obter a liberdade delle.

Gabriella. — Juro !

C. General (aparte). — A pequena desarmou-me... Mas as apparencias vingar-me-hão ! (Alto) Então ? Agora está bem comigo ?...

Gabriella (muito alegre).— Podera não !

C. General.— Seremos amigos ! Venha de lá um abraço !

Gabriella.— Com mil desejos ! (*Salta ao pescoço do capitão-general e abraça-o ; neste momento, Carlos apparece ao fundo.*)

SCENA X

Os mesmos e CARLOS

Carlos.— Ah !

C. General (*com Gabriella ainda nos braços*).— Meu amigo, chegaste muito a proposito. Tenho uma excellente nova a dar-te : estás livre, absolutamente livre !

Carlos (*alerrado*).— Ah ! estou livre !...

C. General.— Não te fiz esperar muito tempo.... Então, não vaes abraçar tua mulher ?

Gabriella (*indo a elle*).— Meu amigo....

Carlos (*repellindo-a e descendo a direita*).— Não ! não !

Gabriella (*sorpresa*).— Como !

C. General (*indo a Carlos*).— Meu Deus ! com que cara estás tu !

COPLAS

I

Ter um marido essa cara
em plena lua de mel,
na verdade é cousa rara !
Faz um ridic'lo papel !
Porventura arrependido
do casamento estarás ?
Esse todo aborrecido
de todo mostra que estás.

Porem tu não tens motivo :
sem adulação
ella tem, maganão...
maganão... maganão...
milhares de attrativos !...

II

Aqui, que ninguem nos ouve,
namoradeira ella é ;
mas, não sei si alguem já houve
que fizesse aqui filé.

Tem paciência, meu charo,
pois que muito vale, crê,
vêr certas cousas a claro
e fazer que se as não vê.

Mas não sejas vingativo :
sem adulação, etc.

C. General.— Bem. Eu deixo-te, meu bom Carlitos. Até logo !
(*A Gabriella*) Até logo, minha senhora. (*Rindo*) Ah ! ah ! ah ! (*Sa-
hindo*) Maganão...

SCENA XI

GABRIELLA, CARLOS e CASTELLO-BRANCO

(*Carlos está desviado dos mais, sombrio e abatido*).

Castello Branco (*indo a elle*).— Estou-o estranhando, senhor meu genro ! Vossa mercê devia estar alegre...

Carlos.— Alegre eu !

Gabriella (*indo a elle*).— Agora que o capitão-general já cá não está, abraça-me !

Carlos.— Abraça-a ! tinha graça !

Gabriella (*afflicta*).— Oh ! papae !... papae ! Elle não me quer abraçar !

C. Branco.— Pois não insistas, rapariga. (*A Carlos*) Vossa mercê é um ingrato. Saiba que a ella é que deve a graça que acaba de obter !

Carlos.— Mas foi com a minha desgraça que se pagou semelhante graça ! Abraça-a ! Tinha graça !

Gabriella (*ao pae*).— Então, elle já sabe que o cochicholo....

C. Branco.— Provavelmente foi o ajudante de ordens quem lh'o disse.

Gabriella.— Pois bem ! já que sabe de tudo, diga-me: não foi uma boa idéa ?

C. Branco.— Sim ?

Carlos (*levantando as mãos para o céu*).— Uma boa idéa. Que cynismo !

C. Branco (*a Gabriella*).— Vês ? Está contrariado ! A culpa foi tua... Eu bem te disse : Não insistas, rapariga... Devias consultal-o....

Gabriella.— Pois preferia ficar na prisão por amor de uma insignificancia ?

C. Branco.—E deixe dizer-lhe: elle já estava um tanto estragado, velho, sujo...

Carlos.—E' o requinte do cynismo!

Gabriella.—Vamos lá! A intenção era boa... Só debes olhar para a intenção... (*Com meiguice*) Então, meu queridinho?...

Carlos (*desabridamente*).—Eu não sou seu queridinho!...

C. Branco (*aparte*).—Palavra d'honra! Nunca o suppuz tão agarrado ao dinheiro! (*Alto a Gabriella*) Não insistas, rapariga!

Gabriella.—Isto não tem geito!

COPLAS

I

Para livrar-te de medonha
prisão, astucias empreguei,
e tu me fazes carantonha...
Qual a razão? Não sei... não sei...
Pois debes estar satisfeito!
Quem mais fará por ti? Ninguém!
Anda lá, foi p'ra teu bem
que fiz o mal que já 'stá feito.

Deixa estar que te ensinarei...
Eu nada mais por ti farei!

II

Os bens que eu trouxe em casamento
menos valor, bem sei, vão ter;
porém nem todas, rabugento,
mesmo esse pouco hão de trazer.
O' céus! que cara enfarruscada!
O' céus! que olhar feroz! feroz!
Não tens razão, pois, entre nós,
o mal que eu fiz não vale nada...

Deixa estar que te ensinarei...
Eu nada mais por ti farei!

Gabriella (*vendo que Carlos está calado*).—Então, não dizes nada?...

C. Branco.—Deixa-o lá, rapariga... não insistas, não insistas... vem para junto de teu pai...

Carlos.—Oh! pode-a levar para sempre! Restituo-lh'a!

Gabriella.—Heim?

C. Branco.—Restitue-m'a!

Gabriella.—Como?! Por cauza de uma bagatella?!

Carlos (*amargamente*).—Sim, minha senhora; por causa de uma bagatella.

Gabriella (*afflicta*).—Ah! papae!

C. Branco.—Não insistas, rapariga! (*A Carlos com dignidade*) Está bem, tomo conta outra vez de minha filha... Seu velho pai cá está para amparal-a... Coragem, Gabriella, coragem!

Gabriella (*com esforço*). Hei de tel-a, papae, hei de tel-a! Adeus, senhor...

Carlos (*secamente*).—Adeus! (*Sobe a scena e dirige-se para a esquerda*).

C. Branco.—Meu genro... quero dizer: senhor, eu não o comprimento, ouviu? Vamos, rapariga! (*Sahe. Gabriella vai para sahir tambem, mas deixa-se sahir em uma cadeira e desata a chorar. Carlos, que tinha parado no fundo, volta-se e dá com ella.*)

SCENA XII

GABRIELLA e CARLOS

Carlos (*voltando, aparte*).—Ella chora...

Gabriella (*vendo-o*).—Elle! Oh! não quero que veja estas lagrimas! (*Passando diante de Carlos, enxuga os olhos vivamente*).

DUETTO

Carlos

Tu choras, meu amor?!

Gabriella

Não choro, não, senhor...
e si chorar, oh! não se importe!

Carlos

Queres em vão parecer forte!
Tu chorás, meu amor...

Gabriella

Chorar! Eu? Não, senhor.

Carlos— Cale-se!... Eu não sou seu queridinho! Deixe-me! Deixe-me! Eu enlouqueço, meu Deus! (*Deixa-se cair em uma cadeira à direita*).

Gabriella (*fazendo o mesmo em outra cadeira à esquerda*).— Afinal de contas, o que lucro eu com o haver feito sahir da prisão?

SCENA XIII

Os mesmos e o CAPITÃO-GENERAL

Capitão-general (*a Carlos*).— Então o que é isto, Carlitos? Ainda arrufados?

Carlos (*erguendo-se*).— Ah! V. Ex. não me dirá?...

C. General.— Não te direi absolutamente nada. E's muito curioso!

Gertrudes (*fóra*).— O senhor capitão-general! Onde está o senhor capitão-general?

C. General.— Que bulha é esta?

SCENA XIV

Os mesmos, GERTRUDES, MANOEL DE SOUZA THEOBALDO, CASTELLO-BRANCO, OFFICIAES DE LANCEIROS e SOLDADOS

Gertrudes (*apparece ao fundo trazendo Manoel quasi arrastado e seguida por todos*).— Ah! cil-o alli! Venha! Venha!

M. de Souza.— Mas, Gertrudinhas...

Gertrudes.— Cale-se! (*Ao capitão-general*) Agora, excellentissimo senhor, não póde ficar para outra vez! Ella cá está!

C. General.— Ella quem?

Gertrudes.— Ella, o original do retrato.

C. General.— Então deve ser elle! Ella o original! E' original!

Gertrudes.— A amante de meu marido! Ainda não ha dous minutos, passando por uma das salas do palacio, vi pendurado á parede... O que? O mesmo retrato em ponto grande... Tal e qual este, excellentissimo senhor. (*Tira o retrato da algibeira e mostra-o*).

C. General (*olhando, dá um grito*).— Que vejo! (*A parte*) Minha mulher! (*Vendo Manoel de Souza*) Vamos! Decididamente a defunta não merecia minha vingança. (*Alto a Carlos*) Carlitos, podes abraçar tua mulher, dou-te a minha palavra de honra...

Carlos e Gabriella.— Ah! (*Abraçam-se*).

Carlos (*baixo a Gabriella*).— Mas o perdão? Como o obtiveste?

Gabriella.— Dei-lhe o cochicholo de papae.

C. General (*a Gertrudes*).— Pode carregar com seu marido.

Gertrudes.— Ah! Manoel de Souza!

C. General.— Está terminada a comedia. (*A Gabriella*) Minha enhora, compete-lhe cantar o *couplet* final.

Gabriella.— Mas, senhor capitão-general...

C. Branco.— Não insistas, rapariga!

COPLA FINAL

Gabriella (*ao publico*)

Ai! que vidinha! que vidão!
com meu marido
extremecido
agora eu vou ter, verão!
Sómente resta,
no fim da festa,
saber si a peça agrada ou não...
E' pois mister
que eu, a tremer,
vos falle e peça o que vos peço:
mil palmas dae,
assegurae
A' Casadinha um bom successo!

Todos (*simultaneamente*)

A' Casadinha um bom successo!

Gabriella

Olé! tirolé! lé!
é bom bom bom bom!
O casamento, olé!
o casamento é bom!

Todos

Olé! tirolé! lé! etc.